



COLEÇÃO
Cachorrinho Samba



MARIA JOSÉ DUPRÉ

O Cachorrinho Samba na Floresta

ea

editora ática

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM



COLEÇÃO
Cachorrinho Samba



MARIA JOSÉ DUPRÉ

O Cachorrinho Samba na Floresta

ea
editora ática

O Cachorrinho Samba na Floresta

O Cachorrinho Samba na Floresta

© Maria José Dupré, 1975

Diretor editorial: *Fernando Paixão*

Editora: *Claudia Morales*

Editora-assistente: *Elza Mendes*

Preparação dos originais: *Lizete Mercadante Machado*

Coordenadora de revisão: *Ivany Picasso Batista*

Revisoras: *Luicy Caetano Oliveira e Liliane Fernanda Pedroso*

ARTE

Projeto gráfico: *Marcos Lisboa*

Editora: *Suzana Laub*

Editor-assistente: *Antonio Paulos*

Editoração eletrônica: *Studio 3 e Eduardo Rodrigues*

Tratamento de imagem: *César Wolf*

Conversão para Mobi/Epub: *X*

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

D947c

12ª ed.

Dupré, Maria José, 1898-1984

O Cachorrinho Samba na Floresta / Maria José Dupré ; ilustrações Cris & Jean. – 12.ed. – São Paulo : Ática, 2002. 128p. : il. - (Cachorrinho Samba) ISBN 978-85-08-08175-2

1. Florestas - Literatura infantojuvenil. 2. Literatura infantojuvenil brasileira. I. Eich, Cris, 1965-. II. Jean-Claude, 1965-. III. Título. IV. Série.

09-3695. CDD 028.5

CDU 087.5

2015

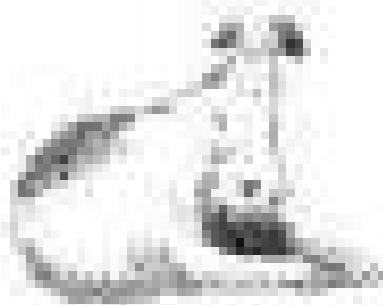
12ª- edição

14ª- impressão

Impressão e acabamento:

Todos os direitos reservados pela Editora Ática S.A.

Avenida das Nações Unidas, 7221 – CEP 05425-902 – São Paulo, SP Atendimento ao cliente: 4003-3061 – atendimento@atica.com.br www.atica.com.br

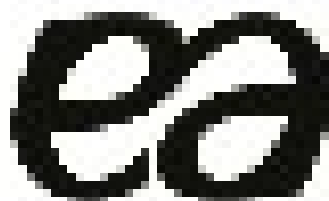


COLEÇÃO Cachorrinho Samba

MARIA JOSÉ DUPRÉ

O Cachorrinho Samba na Floresta

Ilustrações
Cris & Jean



editora ática



SUMÁRIO

1. O CACHORRINHO SAMBA NA FLORESTA
2. O BARULHO
3. UM COMPANHEIRO
4. TORNAM-SE AMIGOS
5. UM HABITANTE DA FLORESTA
6. OUTROS HABITANTES DA FLORESTA
7. MARTIM-PESCADOR
8. NOVOS ENCONTROS
9. SERÃO GATOS?
10. SEU JABUTI
11. AS HISTÓRIAS DO JABUTI
12. PERIGO NA FLORESTA
13. O VEADO PEDE CONSELHOS
14. OS QUATIS TAMBÉM PEDEM CONSELHOS
15. SAMBA TEM UMA IDEIA
16. O PLANO DE SAMBA É ACEITO
17. O PERIGO AUMENTA
18. ASTÚCIA
19. A LUTA
20. OUTRA ONÇA
21. VÉSPERA DE FESTA
22. A NOITE NA FLORESTA
23. PREPARATIVOS
24. O CASAMENTO

25. O BANQUETE
26. A FESTA CONTINUA
27. A FESTA INTERROMPIDA
28. A BRIGA
29. O FIM DA FESTA
30. ADEUS
31. DE BRAÇOS ABERTOS



O CACHORRINHO SAMBA NA FLORESTA



As matas que rodeiam a chácara são imensas, azuladas de longe e cheias de segredos. Qual a floresta que não tem segredos?

O cachorrinho Samba estava um dia pensativo, sem saber o que fazer. O portão da chácara estava aberto e ele viu ao longe aquela floresta verde e azul circundando a serra. Pensou: “E se eu fosse dar um passeio até lá?”.

Saiu muito sorrateiramente, para que os seus donos não percebessem, e tomou o caminho da serra. Foi indo... Atravessou uma estrada larga onde havia pessoas paradas, conversando, outras andando apressadas; pulou sobre um riozinho estreito que havia depois da estrada.

Olhou para trás para ver se estava longe; não viu mais o portão da chácara, nem a estrada. Parecia que estava num deserto. Bebeu uns

goles de água no regato e continuou o caminho. Começou a subir um morro. Só queria saber onde iria dar aquele morro, depois desceria e voltaria para a chácara outra vez. Tinha medo de se perder. Foi andando... andando... até que entrou numa floresta muito grande; devia ser aquela que avistava do portão da chácara.

Como era agradável ali! Muito fresco, tudo verde e bonito. Parou e olhou à volta. Silêncio. Somente uns pássaros piavam de quando em quando. Olhou para cima para ver se avistava os pássaros, não viu nada.

Pensou consigo que, num lugar desconhecido como aquele, era preciso ter cuidado; não podia ir andando como na chácara, onde o chão era limpo e ele conhecia tudo, palmo a palmo.

Ali era diferente. Podia haver algum bicho escondido sob as folhas secas que se amontoavam no chão, havia milhares de folhas secas. Parou e cheirou com atenção: não havia bicho nenhum, seu nariz nunca se enganava. Continuou a andar mais devagar, fazendo as folhas estalarem sob seus pés. Era o único barulho que se ouvia naquele lugar e ele estava gostando.

Por que o cachorrinho Samba andava assim, sozinho, no meio da mata? Só por curiosidade. Era muito curioso, gostava de ver tudo, cheirar tudo, saber tudo.

O mundo era grande e havia tantas novidades que ele queria conhecer! Aquela floresta, por exemplo. Que haveria dentro dela? Não sabia de que jeito era uma floresta por dentro. De longe era um amontoado de árvores juntinhas, juntinhas. E por dentro?

Pela primeira vez ele ia ver o que era aquilo. Quais os bichos que viviam na floresta? Existiriam cachorros como ele? Não, devia haver outros bichos. Impossível que não fosse habitada aquela mata; cada canto do mundo tem sua espécie de habitantes. Ali também devia ter.





Deu mais uns passos, cauteloso. As folhas estalaram de mansinho: crac... crac... Parou perto de um tronco de árvore; era tão alta que ele quase não via as folhas lá em cima, somente aquele tronco comprido e liso. Os galhos desapareciam no meio das árvores vizinhas.

Pensou: “Que colosso de árvore!”. Olhou à volta, admirado. Havia arbustos misturados com cipós, os cipós eram compridos e perdiam-se em todas as direções, pareciam querer amarrar os galhos e os troncos. Havia folhas espalhadas no solo, tudo meio verde, meio marrom ou verde mais escuro. Uma confusão.

Samba ficou ali parado, pensando se não seria melhor voltar. Que adiantava aquele passeio, sozinho, num lugar tão esquisito e, quem sabe, perigoso? O melhor era voltar. Nesse instante, ele ouviu um barulho que vinha lá do fundo da floresta; era um barulho de galhos quebrados, tropéis, assobios, guinchos... Parecia que vinha para o lado

dele e cada vez aumentava mais. Que seria?

Encolheu-se e ficou pequenininho debaixo de um arbusto de folhas largas; ali não havia perigo. Que sorte aquelas folhas serem tão largas!

A coisa vinha vindo, e o barulho cada vez mais forte. Parecia que toda a floresta vinha abaixo. A princípio tanto silêncio e agora aquela barafunda. Lugar esquisito. Se ele pudesse correr, sumir dali... Mas agora era tarde. O melhor era esperar.

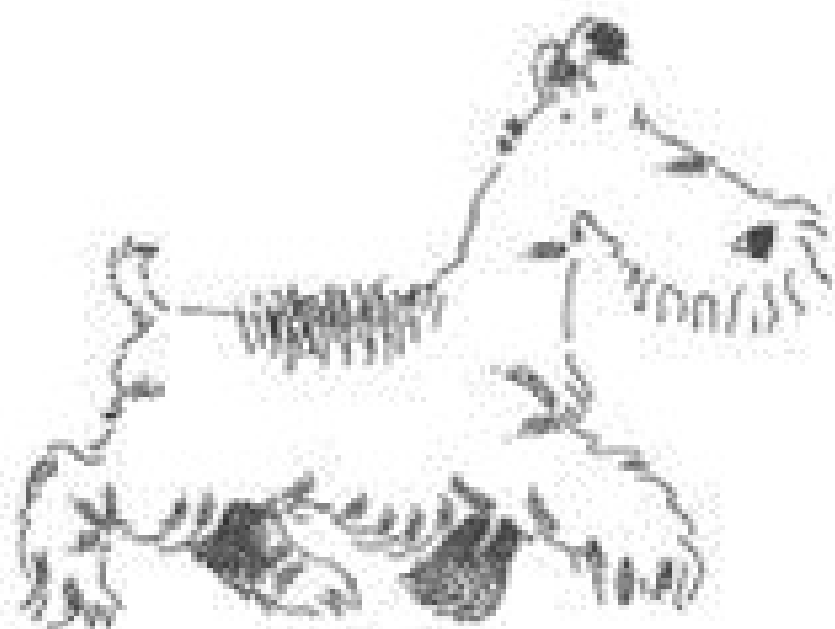
Viu primeiro uns homens que passavam quase correndo, tropeçando nos cipós, caindo, levantando e levando uma grande gaiola cheia de bichinhos escuros e barulhentos. Os bichinhos choravam e careteavam de fazer dó.

Samba olhou horrorizado. Que seria aquilo? O mais espantoso era um grupo de outros bichos, iguais aos da gaiola, que vinha aos pulos, aos guinchos, aos pinotes, atrás dos homens. Pareciam protestar contra a prisão dos companheiros.

Vinham soltos e pareciam reclamar em altos gritos. Alguns assobiavam desesperadamente, outros pulavam de uma árvore para outra, quebrando galhos, estalando cipós, saltando no espaço...

O cachorrinho não se mexia, somente seus olhos brilhavam na direção daquela cena incrível. Que bichos seriam aqueles? Os homens andavam o mais depressa que podiam, de modo que desapareceram logo no meio da floresta, acompanhados daquele bando rugidor.

O barulho passou e tudo recaiu no silêncio outra vez. Samba saiu do esconderijo, pé ante pé, admirado por estar só de novo naquela imensidão verde.





Foi quando viu um dos bichinhos ali no chão, abandonado pela turma. Ele estava meio sentado, a cabecinha caída para um lado.

Samba viu logo que ele não estava morto, mas muito cansado. Tinha a cabeça pequenina e o pelo quase todo preto, pintado de branco, a cauda era longa, muito maior que o dono, peluda, pardacenta.

O cachorrinho ficou parado, olhando aquele bicho estranho; nesse instante o bicho abriu um olho e fitou. Samba. Samba sentiu o pelo das costas arrepiar-se todo. Seria preciso brigar? Ficou pronto para a luta, o corpo tenso, fixando o bicho rabudo e esquisito.

Mas o pobre bichinho estava tão cansado que não queria brigar, não queria nada. Olhou para Samba durante uns instantes, os olhinhos piscando sem parar. Nem se mexeu.

Samba então resolveu aproximar-se mais para cheirar; ele só conhecia as criaturas pelo cheiro. Deu um passo à frente, depois outro, sem tirar os olhos do animal. Chegou bem perto, observou-o, cheirou-o e pensou consigo que não conhecia aquela espécie de cheiro.

Sentou nas patas traseiras e ficou olhando e pensando que animal seria aquele com um cheiro tão diferente dos outros. Saberia conversar? Todos os animais se entendem entre si e conversam. Nós não podemos compreendê-los, mas eles muitas vezes entendem o que falamos.

Samba então perguntou, meio desconfiado:

— Como é seu nome?

O bichinho ficou alerta, levantou a cabeça e respondeu imediatamente:

— Sagui. E você, quem é?

— Cachorro. Meu nome é Samba. O Sagui ficou trêmulo e perguntou:

— Cachorro caçador? Oh! Que coisa horrível!

— Não — disse Samba. — Não tenha medo de mim, não faço mal a ninguém nem gosto de brigar. Sou cachorro de estimação.

O Sagui ficou aliviado. Ficou de pé um momento, enquanto a cauda enorme varria o chão cheio de folhas.

Samba queria saber o que significava aquela cena a que havia assistido pouco antes. O Sagui, com os olhos lacrimosos, explicou:

— Oh! Levaram nossos irmãos. Não sei se você sabe que é proibido caçar nestas matas, mas de vez em quando vêm caçadores aqui, escondidos, e põem armadilhas para nos caçar. Não matam nenhum de nós, mas levam para vender na cidade, e nunca mais vemos nossos companheiros, primos e irmãos... Uma lástima.

E o Sagui encostou a cabecinha no tronco da árvore para chorar. Depois tornou a falar, vendo a cara compungida do companheiro:

— Isso não acontece sempre. Meu avô contava que assistiu uma vez a uma dessas caçadas, meu pai também assistiu uma vez e agora eu assisti também. É horrível. Não adianta pedir, implorar, chorar para que os homens não levem nossos irmãos... Eles são maus e levam mesmo. Toda a turma grita, assobia, acompanha os malvados para ver se eles desistem, mas você sabe... os homens não têm coração.

Samba protestou:

— Nem todos os homens, Sagui. Meu dono e todos os parentes e amigos do meu dono não são capazes de fazer uma coisa dessas.

Samba levantou a cabeça para dizer:

— São civilizados.

O Sagui fez uma careta:

— Esses são poucos, a maioria é ruim, sanguinária, perversa. Você viu com seus olhos. Você não conhece bem o mundo!

Samba tornou a protestar:

— Como não conheço? Eu vivo mais no mundo que você. Você está dentro de uma floresta, não pode saber muita coisa. Eu sei tudo o que se passa no mundo.

— Mas você só conhece os amigos do seu dono, e essa gente é boa. Eu conheço a gente que entra na floresta para caçar, e essa gente é perversa. Bem, vamos mudar de assunto? Quer andar um pouco?

— E seus companheiros? — perguntou Samba. — Vão voltar?

— Eles voltam logo e você os conhecerá.

E um ao lado do outro, começaram a andar pela floresta.



TORNAM-SE AMIGOS



Andaram sem falar durante alguns minutos. Samba olhava, curioso, para todos os lados.

O Sagui gostava mais de andar dependurado, pelo tronco de uma árvore, depois um galho, depois outra árvore e assim ele ia indo, de uma maneira muito estranha. Samba ia pisando cautelosamente o chão. De repente parou e farejou o ar:

— Estou sentindo um cheiro diferente. Que será?

Pararam e escutaram. Era grande o silêncio na floresta; o Sagui disse:

— Você tem um nariz que cheira longe, mas desta vez se enganou. Não há novidade alguma. Vamos continuar.

— Não é engano — disse Samba aspirando o ar com força. — Procure que você encontra.

O Sagui dependurou-se e deu um balanço para a direita e para a esquerda; depois pulou para outra árvore. Samba, no chão, olhava, interessado. De repente o Sagui piscou para o cachorrinho e mostrou uma árvore mais ao lado: era uma imbaúba cheia de folhas novas, bem verdinhas.

Lá estava, abraçado ao tronco da imbaúba, um animal estranho, de pelo cinzento, manchado de claro. O Sagui gritou na sua vozinha fina:

— Bom dia, dona Preguiça! Como passou a noite?

Até para responder o bicho era preguiçoso e Samba mal ouviu a resposta; estava muito ocupado mastigando brotos da árvore. O Sagui voltou para junto de Samba e disse, baixinho:

— Nunca ouviu falar no Bicho-Preguiça? É isso que você está vendo; agarra-se na árvore e fica o dia inteiro parado. Alimenta-se só de folhas, é herbívoro. Nós, os saguis, estamos sempre mexendo de lá para cá e não gostamos muito desses preguiças. Vivem numa pasmaceira...

Dizendo isso, o Sagui deu um pulo para a frente e convidou o cachorrinho para continuarem o caminho. Os dois seguiram através da floresta. Parecia que ia chover, ouviram um trovão ao longe.

— Vamos mais depressa — disse o Sagui.

— Não — respondeu Samba. — Eu preciso voltar para casa.

— Agora não é possível — disse o companheiro. — Depois da chuva, você volta. Vamos nos esconder depressa, que ela vem mesmo.

Apressaram o passo. Samba atravessava as moitas, pulava por cima dos cipós, contornava as árvores; Sagui passava às vezes por cima, às vezes dava pulinhos no solo. De repente Samba parou, assustado.

— Que foi? — perguntou o amigo.

— Ouvi uma voz tão grossa, parece um monstro bramindo. Que será? Deve ser um animal enorme.

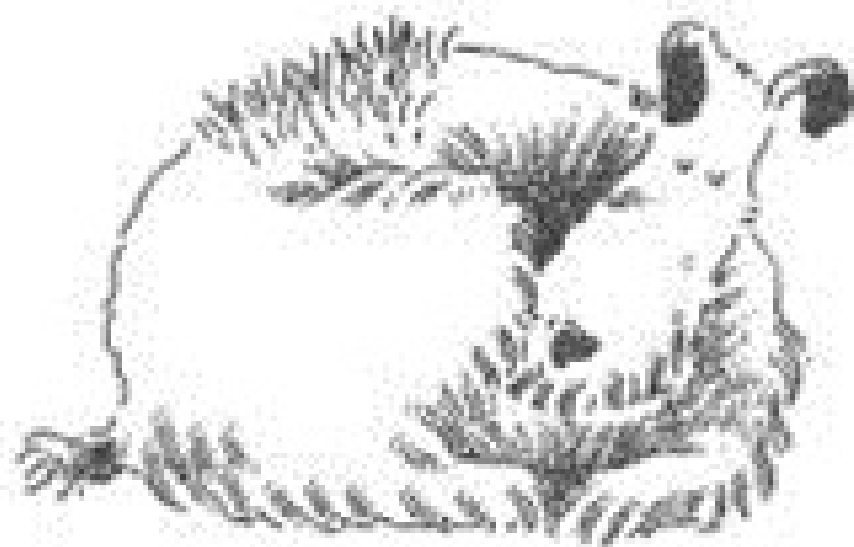
— Você tem o ouvido tão bom quanto o nariz — disse o Sagui. — No meio desta trovoadas, ouve o grito da untanha.

— Que é isso? — perguntou Samba, dando um pulo sobre uma moita de espinhos.

— É um sapo — disse o Sagui. — Um simples sapo.

— Quase não acredito. Um sapo dar urros desse jeito? Deve ser monstruoso.

— Vamos até à beira do rio e você verá com seus próprios olhos — respondeu o Sagui.



UM HABITANTE DA FLORESTA



Havia um riozinho que nascia no alto da serra, depois vinha descendo, pulando sobre pedras, formando lagos pequeninos, despencando-se sobre barrancos e rochedos, formando cascatas, até ir parar no seio da floresta.

Lá, ele se espalhava um pouquinho, para mais adiante espremer-se todo entre duas pedras imensas e saltar lá de cima numa nuvem de gotinhas d'água até lá embaixo, no lago. Era nesse lugar que toda a bicharada da mata ia beber água.

Era um lugar muito bonito e muito fresco. Numa das margens do lago, havia um charco muito grande e o Sagui disse que aí moravam as untanhas.

E era verdade. Assim que Samba e o companheiro se aproximaram, viram um sapo grande com uma espécie de chifre sobre os olhos. O

Sagui explicou ao cachorrinho que o sapo vive no charco só com a cabeça de fora. Chamam também essa espécie de sapo-boi porque parece mugir como um boi e sempre anuncia chuva com seus bramidos fortíssimos. Samba perguntou baixinho:

— É perigoso?

— Não — disse o Sagui. — Alimentam-se de ratos e, quando podem, pegam pintos também. Não fazem mal a nós e não nos entendemos na conversação. Falam língua diferente.

Nesse momento a untanha soltou um berro que até fez Samba estremecer, o berro parecia mais forte do que o trovão.

— Vamos correr — disse o amigo. — O sapo está anunciando chuva.

Desandaram a correr através da mata; o cachorrinho pensando no sapo-boi. Assim chegaram a um esconderijo feito de rochas muito largas e árvores copadas.

— A nossa casa é aqui — disse o Sagui. — Os outros não devem demorar muito.

Havia vários filhotes de saguis espalhados debaixo da rocha; uns comiam frutinhas, outros cochilavam. Quando viram Samba ali no meio deles, aproximaram-se um por um para examinar aquele animal diferente dos outros.

— Este é um amigo que encontrei na floresta — disse o Sagui. — Chama-se Samba e veio da cidade.

Os outros cumprimentaram e fizeram perguntas ao cachorrinho sobre a cidade; perguntaram-lhe se por acaso conhecia os irmãos que, há muitos anos, estavam prisioneiros dos homens. Samba explicou que havia muitas cidades e na cidade onde residia nunca tinha visto saguis. Ficara conhecendo-os ali na floresta. Então os saguis contaram que os homens prendiam macacos, serelepes, micos, saguis, papagaios, e tantos outros animais só para se divertirem com os pobres prisioneiros.

Queixaram-se muito. O cachorrinho explicou que, na casa dos seus donos e nas casas dos parentes dos seus donos, não havia nenhum bicho prisioneiro. Não era tanto assim, nem todos os homens eram maus.

Depois de muita prosa, Samba perguntou ao companheiro:

— Afinal, como é seu primeiro nome? Todos são saguis e eu queria distinguir você dos outros.

O amigo ficou pensativo, coçou uma orelha, depois respondeu:

— Pode me chamar como quiser. Sou Sagui mesmo.

— Então vou chamar você de Serelepe — falou o cachorrinho. — Assim eu posso distingui-lo de seus parentes.

Nesse instante um bando de saguis, de rabos compridos e peludos, chegou da mata aos pinotes, fazendo grande algazarra. Fugiam da chuva que já começava a cair. Contaram que haviam ido até a divisa

da floresta acompanhando os irmãos e parentes que os homens maus levavam. Tudo tinha sido inútil; haviam desaparecido além da mata e nada puderam fazer. A chuva foi aumentando e outros saguis foram chegando, alguns meio velhos, outros bem jovens.

— É toda minha família — disse Serelepe, apresentando Samba aos companheiros e parentes que chegavam.



OUTROS HABITANTES DA FLORESTA



Todos olharam o cachorrinho, cumprimentaram-no e foram para seus afazeres. Alguns foram tratar dos filhotes que estavam com frio por causa da chuva, outros foram descascar frutas, outros foram cochilar sobre os galhos mais altos.

Samba ficou muito à vontade no seio daquela numerosa família. A chuva caiu durante uma meia hora com fortes trovões; alguns saguis encolhiam-se e outros cobriam a cabeça com medo do barulho.

Samba, que também não gostava de trovões, ficou bem quieto ao lado de Serelepe.

Depois o barulho foi passando, a chuva foi diminuindo e o tempo ficou bonito outra vez. Uma turma de saguis tomou novamente o caminho da mata. Samba perguntou:

— O que eles vão fazer?

— Procurar comida — disse Serelepe, aprontando-se também. — Aqui na floresta, quem não trabalha não come.

Samba resolveu acompanhar o amigo. Não podia ficar ali sozinho com os filhotes que nem sabiam falar. Não tinham andado nem dez passos quando Samba perguntou:

— Que barulho é esse que estou ouvindo? Estão batendo em troncos de árvore com toda a força. Será gente?

— Deus nos livre que seja gente — disse Serelepe.

— Devem ser pica-paus, vamos ver.

Serelepe mostrou uma árvore e disse para o cachorrinho que olhasse para cima; viram então o Pica-Pau. O companheiro explicou:

— São aves trepadeiras e prestam grande serviço porque comem todos os bichinhos das árvores, esses insetos nocivos que comem as folhas novas e os brotos das plantas.

Samba ficou admirado, nunca tinha visto uma ave semelhante. Era muito bonita, preta, enfeitada de branco e vermelho; tinha um bico pontudo e dava batidas no tronco da árvore como se desse marteladas com uma ferramenta.

Depois arrancou uma lasca da madeira e devorou num instante as larvas e os besouros que estavam sob a casca da árvore. Samba não queria mais sair dali, pois o Pica-Pau era muito interessante de se ver, mas o amigo chamou-o:

— Vamos continuar nosso caminho, Samba. Temos muito que fazer. — Logo adiante o cachorrinho parou, horrorizado com o que estava vendo. Nunca tinha pensado que existissem bichos esquisitos assim: era verde manchado de azul, verde-escuro e pardo. Tinha uma espécie de crista que ia da cabeça até a cauda; esta era enorme, mais comprida que o corpo. A cabeça era grande e tinha um saco no pescoço.

Serelepe, que estava dependurado num galho ali perto, voltou para ver o que o amigo olhava tão admirado. Samba estava com o pelo eriçado, parado diante daquele bicho horrível de quase um metro de comprimento.

— Ah! — disse Serelepe. — Esse é o Camaleão, é inofensivo. É feio, mas não faz mal aos outros animais.

Samba aproximou-se do Camaleão, cheirou-o, observou-o. O saco que ele tinha sob o pescoço ficou inchado. Serelepe explicou:

— Ele fica assim todas as vezes que está irritado. Decerto ficou com raiva porque você foi cheirá-lo.

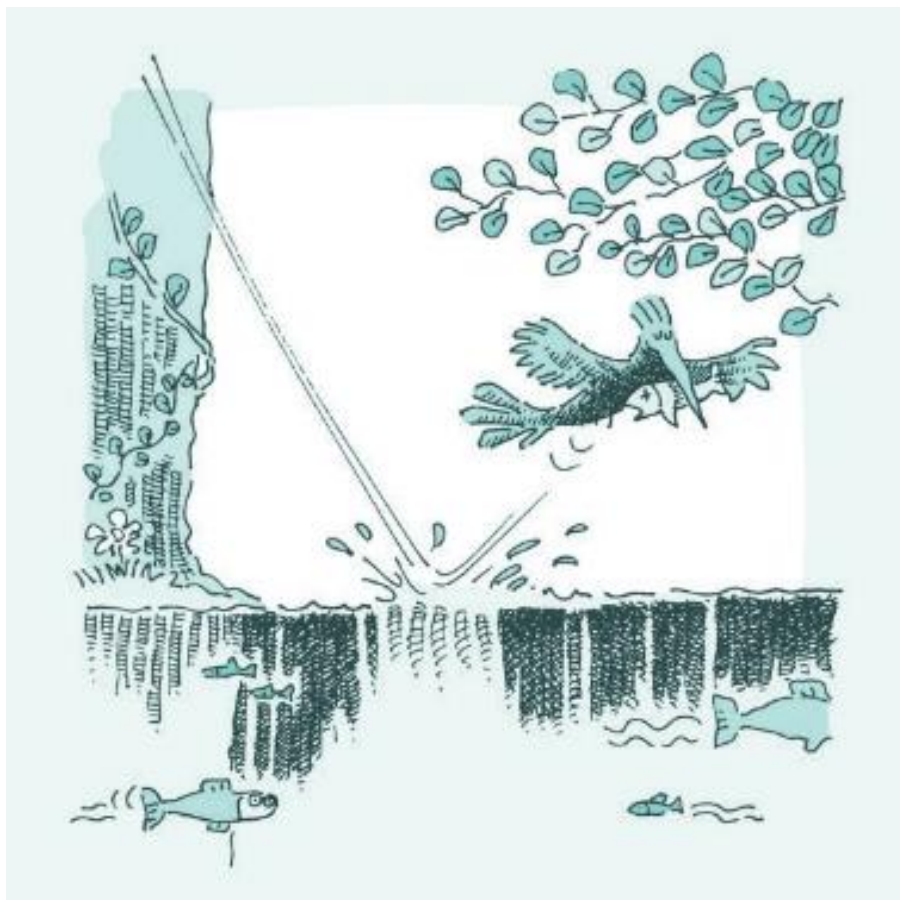
Samba perguntou:

— O que ele come?

— Alimenta-se de vegetais e insetos. Não morde, só assusta. Você precisava ver os camaleões-d'água, nadam que é uma beleza.

— Quanto bicho esquisito há nesta floresta! — disse Samba,

continuando a andar atrás do amigo.



Mais adiante, Serelepe cumprimentou uma ave que estava sobre um galho, na beira do rio.

— Bom dia, seu Martim! Como vai?

— Muito bem. E você, Sagui?

Samba queria logo saber quem era esse novo amigo de Serelepe.

— É seu Martim, amigo nosso. Só come peixes: repare como ele olha para o rio, está esperando o almoço.

Aqui na floresta, o nome dele é Martim-Pescador. Pesca quase que o dia inteiro.

Samba reparou como seu Martim era bonito: tinha plumagem verde-esmeralda com pontinhos brancos. No peito havia umas manchas vermelhas, como se alguém tivesse dado umas pinceladas naquele lugar.

Ele estava muito entretido vigiando as águas; Serelepe disse que ia

auxiliá-lo. Subiu depressa num galho de amoreira, quebrou um pauzinho seco e atirou-o ao rio, imediatamente os peixinhos juntaram-se à volta do pauzinho, pensando que fosse comida.

Foi a conta; seu Martim deixou-se cair do galho até as águas, mergulhou um momento e apareceu com um peixinho, que engoliu inteiro.

Depois que acabou de comer, perguntou ao Serelepe como ia a família e que novo companheiro era aquele. Serelepe apresentou Samba, depois contou que caçadores malvados haviam-lhe levado essa manhã dois irmãos e três primos. A família estava triste por causa disso.

A ave ficou desgostosa; depois contou que a família ia bem e estava com mais três filhinhos, por isso ia continuar a pescar, pois precisava trabalhar para sustentar os seus.

Mostrou aos amigos o ninho que ficava ali perto, na barranca do rio. Convidou-os para conhecer os filhotes novos; Serelepe disse ao Samba:

— Vamos conhecer a família de seu Martim.

Aproximaram-se então do ninho que possuía quase dois metros de profundidade, e era escavado no próprio barranco da margem do rio. Seu Martim deu um assobio e, no mesmo instante, sua mulher apareceu na beira do ninho, cumprimentou os amigos que o marido apresentou, depois convidou-os para olhar os filhotes que a essa hora estavam dormindo bem no fundo do ninho.

A mãe parecia orgulhosa e contente com os filhotes. Serelepe e Samba espiaram e só viram um amontoado de penas e umas cabecinhas muito feias, com bicos compridos. Serelepe era muito sabido e deu parabéns ao casal Martim, dizendo que nunca tinha visto filhotes tão lindos assim, verdadeiros amores.

Depois despediram-se e continuaram o caminho pela floresta. Seu Martim-Pescador voou para o galho de amoreira na beira do rio e ficou esperando outros peixes para o almoço da família.





Samba disse que se encontrasse alguma coisa para comer seria bem agradável, porque começava a ter fome.

— Isso é muito fácil — disse Serelepe, trepado outra vez numa árvore. — Comida não falta aqui na floresta. Você gosta de mel?

— É muito doce — respondeu Samba. — Acho que não vou gostar.

— É porque você não conhece o mel das mandaçasias. Vai experimentar já.

— Que nome engraçado — falou o cachorrinho.

— É engraçado e o mel que elas fazem é da melhor qualidade — disse Serelepe, começando a subir por um pau muito comprido, até chegar a um lugar onde as abelhas mandaçasias tinham fabricado grande quantidade de mel. Conversou com algumas abelhas, prometeu trazer-lhes suco de flores especiais e pediu alguns favos.

Serelepe saboreou uma parte dos favos com vontade e agradeceu

muito; depois despediu-se e levou outros para o cachorrinho que, sentado debaixo da árvore, esperava com paciência.

Samba também lambeu todo o mel e gostou muito. Quando iam continuar o caminho, algumas abelhas rodearam Serelepe zunindo à volta dele. Ele fazia que sim com a cabeça.

— Que foi? — perguntou Samba. — Quiseram morder você?

— Qual o quê! — respondeu o amigo. — Elas me querem bem porque eu sempre trago suco de flores. Vieram dizer para eu não me esquecer da promessa de trazer o suco.

E dizendo adeus com a mão peluda para as mandaçaias, sumiu entre as folhas de uma árvore copada. Continuaram a caminhar; um pulando de galho em galho, outro andando no chão.

Não haviam andado muito quando Samba, parando e aspirando o ar, avisou:

— Temos novidade, algum bicho vem se aproximando.

— Ora essa! — disse Serelepe, ainda com a boca cheia de mel. — Não percebo nada. Como é que você sabe?

— Meu nariz — respondeu o cachorrinho.

E dizendo isso, tratou de esconder-se sob uma moita; Serelepe ficou imóvel ao lado dele no chão. De repente ouviram barulho de galhos quebrados, assobios e os dois amigos viram um bando de macacos que se aproximava.

— São meus primos — disse Serelepe. — Não tenha medo.

Saiu do lugar de onde estava escondido e cumprimentou a macacada. Todos responderam com muita gritaria. Alguns desceram ao chão e perguntaram que bicho era aquele; Serelepe apresentou Samba.

Examinaram o cachorrinho minuciosamente: pegaram-lhe as orelhas, puxaram-lhe o pelo, apalpam-lhe os bigodes, assopraram-lhe o nariz, chegaram bem perto para olhar os olhos de Samba.

Serelepe gritou:

— Eh! Parem com isso. Deixem meu amigo em paz.



Começaram afinal a conversar e deixaram Samba sossegado. Contaram que estavam fugindo lá do fim da mata porque uma onça andava rondando a morada deles. Avisaram Serelepe para que não fosse para aquele lado.

Serelepe pôs as mãos na cabeça e ficou olhando os primos com ar atoleimado. Depois conseguiu perguntar:

— Onça? Onde é que tem onça? Quem viu onça? Onça nada, vai ver que é história de vocês. Prosa fiada.

Os macacos ficaram zangados e alguns até disseram ao primo:

— Pois se não acredita, vá para aquelas bandas. Vá que queremos ver, seu atrevido!

Continuaram o caminho guinchando e saltando de árvore em árvore. Os dois amigos ficaram novamente sozinhos e Serelepe disse:

— Bom. Decerto é verdade mesmo, mas desde o tempo de meu avô que não aparece onça nesta floresta.

O cachorrinho queria saber que bicho era aquele que todos temiam; Serelepe explicou que era um animal feroz, que matava bichos para comer, perseguia e não deixava ninguém sossegado; subia até em árvores.

Samba ficou assustado:

— O quê? Sobe em árvores? Ainda tem essa vantagem?

— Por isso que é temível — continuou o amigo. — Dá saltos incríveis, sobe em troncos de árvore como gato, persegue, mata, truca.

— E é grande? — perguntou Samba.

— Não há outro bicho do tamanho dele aqui nesta floresta. É o

maior de todos.

Depois Serelepe disse:

— Mas você está comigo e não tenho medo de nada.

Você é meu melhor amigo.

— Como assim? — perguntou Samba. — Não tem medo de nada?
Nem de onças?

— Não tenho medo por causa do seu nariz que avisa tudo. Nunca vi
nariz tão formidável como o seu.



SERÃO GATOS?



Samba tornou a parar logo adiante.

— Que há desta vez? — perguntou Serelepe.

— Estou ouvindo miados de gato.

— Isso não pode ser — disse o amigo. — Não há gatos na floresta, você está ouvindo demais. Será que seu ouvido é melhor que o meu?

— Não sei de nada — respondeu o cachorrinho. — Estou ouvindo uma porção de gatos miando.

— Então vamos parar — disse Serelepe. — Quero ver se também ouço.

Ficaram os dois imóveis, escutando. Só algum tempo depois Serelepe disse que também estava ouvindo qualquer coisa muito longe, mas não podia ser gato. Que seria? Foram andando com muito cuidado até que ouviram perfeitamente o barulho. Parecia que ali perto havia um bando de gatos.

Então Serelepe pôs a mão na testa e disse:

— Já sei. Devem ser as lontras, estamos perto de algum rio.

— Deram mais alguns passos e viram finalmente uma porção de lontras que conversavam; eram todas cinzentas e tinham o peito amarelado. Serelepe foi logo avisando o companheiro que não devia ter medo, as lontras não faziam nada.

Quando elas viram os dois saindo debaixo de umas moitas, trataram de se esconder no rio. Serelepe gritou:

— Não tenham medo. Sou eu e meu amigo Samba. Apresentou o cachorrinho às lontras e elas também falavam como os outros animais. Disseram que tinham muito prazer em conhecer o novo amigo de Serelepe, mas estavam todas muito assustadas, por causa da Onça.

— Que onça o quê! — disse Serelepe. — Meus primos nos contaram agora há pouco, mas francamente não estou acreditando muito. Desde o tempo de meu avô não há onças nesta floresta.

— Mas agora há — falou uma das lontras, muito assustada.

E explicou aos dois amigos que não fossem muito para o sul porque a Onça andava fazendo estragos naquele lado. Era uma onça-pintada que tinha aparecido na semana passada, havia comido veados, porcos-do-mato e capivaras. Era enorme, amarelada, com manchas pretas pelo lombo. Tivessem cuidado.

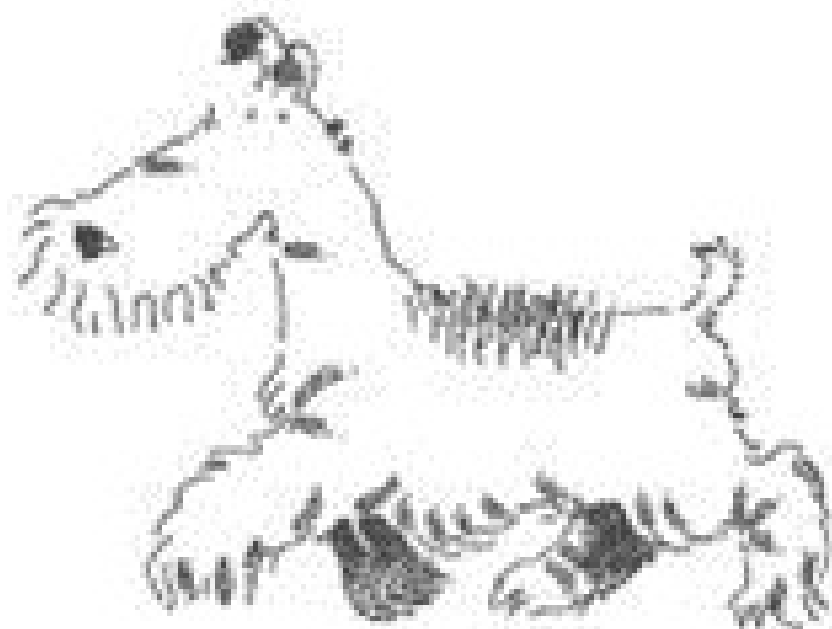
Serelepe coçou a barriga e disse que não tinha medo; ao lado dele estava um companheiro que conhecia o cheiro de onça a metros e metros de distância. Não havia perigo.

A Lontra mais velha, pesadona, falou bem devagar:

— Tenha cuidado. Nós podemos nos esconder dentro do rio, mas você precisa ter cuidado. Estamos contando para que se previna.

— Eu não posso me esconder na água, mas tenho um amigo que vale por toda a água deste mundo.

Falando assim, deu um piparote na orelha do amigo. As lontras despediram-se e lentamente desapareceram dentro da água, sempre dizendo aos dois amigos que tivessem cuidado.



10
SEU JABUTI



Estavam os dois sozinhos ali perto do rio quando Serelepe falou:

— Vamos descansar um pouco aqui. Se houver alguma novidade, você me avisa.

Samba deitou-se ao lado do amigo e assim ficaram os dois, descansando. Serelepe estava quase cochilando quando o cachorrinho, bocejando, disse:

— Estou pensando numa coisa, Serelepe.

— No quê? Na Onça? — perguntou o Sagui, abrindo um olho.

— Que onça o quê! Estou pensando no que comerei. Eu não como muito, mas você sabe que quando se anda bastante, tem-se fome. Quando eu tiver vontade de almoçar, o que poderei comer aqui na floresta?

Serelepe ficou pensativo:

— É verdade, não tinha pensado nisso. Você come peixe? Se come, vamos pedir ao Martim-Pescador que pesque uns dois para você.

— Eu gosto de peixe, mas só frito na manteiga...
— Ah! Isso não podemos fazer — respondeu o companheiro. — Você gosta de besouros e lesmas? Temos muito por aqui...
— Que horror! — disse Samba fazendo uma careta.
— Só gosto de comida limpa e bem-feita, tenho bom paladar para coisas gostosas.

Nesse momento o cachorrinho franziu o focinho e murmurou para o amigo:

— Alguma coisa está se aproximando. Que será?
Num instante Serelepe estava de pé, olhando para os lados. Perguntou:

— De que lado vem? Que será?
— Não sei ainda — disse Samba baixinho, cheirando de cá para lá.
— É bicho que não conheço, nunca senti esse cheiro.
— Mau, mau — disse Serelepe, todo assustadinho.
— Gente não é...

— Se fosse gente, eu saberia logo. Espere aí... Andou mais um pouquinho e mostrou ao amigo um bicho esquisito que estava saindo do meio das folhas que forravam o solo. Era parecido com tartaruga, tinha uma casca escura e dura cobrindo as costas. Serelepe ficou aliviado quando viu o bicho, mas Samba teve medo.

O Sagui dirigiu-se ao novo animal:

— Olá, seu Jabuti, como vai o senhor? Passeando um pouco?
O Jabuti pôs o pescoço para fora da casca, abriu os olhinhos e reconheceu o amigo:

— Bom dia! Como vai o amigo? Quem é o seu companheiro?
Serelepe apresentou o cachorrinho, que olhava espantado para aquele animal que carregava a casa nas costas.

Disse o Jabuti:

— Você sabe que durante a seca eu gosto de dormir debaixo das folhas que forram o chão. E agora acordei com a prosa de vocês dois.

E o Jabuti, dizendo isso, estendeu mais o pescoço, procurando coisas para comer. Serelepe perguntou de que ele queria se alimentar; ele respondeu que estava procurando frutas.

Samba, que estava começando a ficar com fome, perguntou se havia laranjas e maçãs na floresta, pois eram as frutas que ele mais apreciava. O Jabuti torceu a boca como se estivesse rindo e falou:

— Eh! companheiro, você pensa que floresta é pomar? Nada disso, aqui a gente come frutas diferentes. No tempo das jabuticabas, eu me regalo com elas, mas agora temos outras qualidades de frutas. Me acompanhe e você provará umas frutinhas bem gostosas.

AS HISTÓRIAS DO JABUTI



Samba e Serelepe acompanharam o Jabuti e um pouco adiante viram uma árvore coberta de favas.

— Isto é muito bom — disse o Jabuti. — Chama-se ingá. Eu fico horas inteiras debaixo da árvore esperando a fruta cair.

Serelepe deu um pulinho e alcançou o primeiro galho do ingazeiro. Perguntou:

— Então o senhor só come as frutas que caem no chão?

— Que hei de fazer? — respondeu o Jabuti. — Não tenho pernas e braços como você.

— Pois enquanto eu estiver por aqui, o senhor só comerá frutas frescas — falou Serelepe, muito amável.

E lá de cima, ele colhia as favas e jogava-as aos companheiros que as saboreavam. O cachorrinho apreciou aquela fruta desconhecida para ele e comeu uma porção. Serelepe também comeu.

Depois os três se sentaram debaixo do ingazeiro para conversar.

— Que conta de novo? — perguntou Serelepe. — O senhor sempre tem novidades para contar.

O Jabuti tornou a torcer a boca como se estivesse rindo e perguntou se ele sabia a história da corrida que havia apostado com o veado.

Serelepe respondeu:

— Essa já é muito conhecida, seu Jabuti. Meu amigo Samba quer ouvir outra.

— Já sabem a história do gato-do-mato? — perguntou ele.

— Não sabemos essa. Conte, conte — falou Serelepe. Então ele contou que uma vez o gato-do-mato, um bruto gato cinzento quase do tamanho de uma onça, desafiou-o para ver quem tinha mais força.

— Vamos ver, seu Jabuti, quem tem força de verdade. O Jabuti aceitou e o gato pegou um cipó bem forte, deu uma ponta ao Jabuti e ficou com a outra. Ele continuou:

— Eu pedi ao gato para ficar dentro do rio. Ele nem desconfiou e disse que eu podia ficar dentro d'água enquanto ele ficava na margem. Sabem o que fiz? Amarrei a ponta do cipó no rabo de um jacaré que estava dormindo no fundo do rio; depois fiquei na margem, espiando. O gato disse: “Pronto!”. E fazia uma força danada, puxava, puxava, suave, gemia, mas como o jacaré tem muito mais força, o gato-do-mato não conseguiu nada. Ele já estava cansado, suando. Gritou: “Basta, Jabuti”; eu corri para dentro do rio, desamarrei o cipó e voltei muito contente para o lado do gato. Ele, coitado, me perguntou assim: “Está cansado, Jabuti?”. Respondi: “Eu? Nem um pouco, não suei nada. Veja”. Ele então disse: “Agora sei que você é ainda mais forte do que eu. Vou-me embora. Até logo”. Foi assim que ganhei a aposta.

O Jabuti contava e virava o pescoço, radiante com suas façanhas. Samba e Serelepe estavam gostando muito e pediram para ele contar outra. Mas ele disse que precisava ir para casa e despediu-se dos amigos. Foi indo bem devagar. Samba perguntou em voz baixa ao companheiro:



— É verdade o que ele contou?

— Qual verdade nada, Samba! É o sujeito mais mentiroso aqui desta floresta. Nós fingimos que acreditamos porque temos dó dele. Não vê como ele anda? Não tem força nem para andar.

— E a história do veado? Por que não deixou ele contar?

— Já ouvi a história do veado mais de duzentas vezes. É sempre a mesma coisa; imagine o Jabuti ganhar a corrida do veado, que corre como o vento. E ele acaba a história dizendo que ganhou a corrida. Imagine!

Quando o Jabuti já ia sumindo na floresta, Serelepe perguntou:

— Seu Jabuti, o senhor ouviu falar que anda uma onça fazendo estragos por aí?

Ele olhou para trás e respondeu bem devagar:

— Ouvi, sim, mas não tenho medo de onça. Ela pode vir quando quiser. Tenho boas pernas para correr... Até logo.

— Como ele é garganta — disse Samba.

— Só conta vantagem — disse Serelepe. — Ninguém acredita em nada do que ele diz. É um pobre coitado, inofensivo.





Os dois amigos estavam descansando depois da partida do Jabuti, quando de repente Samba disse:

— Vem vindo bicho por aí. Estou ouvindo barulho de galhos e folhas.

Serelepe ficou atento, mas nada ouviu.

— Você é um bicho, hein, Samba? Eu não ouço coisa alguma.

Nesse mesmo instante, Samba viu uma cabeça aparecer num galho perto de onde eles estavam. Serelepe viu também e ficou muito satisfeito. Disse logo:

— Bom dia, Mico-Preto! Como vai você? Depois apresentou o mico a Samba, explicando:

— Não tenha medo, amigo Samba. Este é meu primo Mico-Preto.

O cachorrinho não pôde deixar de perguntar:

— Quantos primos você tem, Serelepe?

— Ah! Nem diga, Samba. Família grande como a nossa não há outra. Não acaba mais, e você não conhece nem a metade.

Mico-Preto cumprimentou Samba e o cachorrinho reparou que os dois eram muito parecidos; Mico-Preto tinha um topete na cabeça em forma de boné com a aba levantada. Tinha uma cara engraçada.

Serelepe perguntou pelos outros parentes; Mico-Preto coçou o topete e disse que estavam com saúde, mas muito assustados por causa da Onça.

— Será possível? Vocês também! — perguntou Serelepe.

— Por que não? — disse o primo. — Nossos parentes vêm vindo todos por aí para fugir da Onça. Ela apareceu no sul e fez estragos por lá: comeu veados, antas e um macaquinho, nosso primo em segundo grau.

— Não diga! — falou Serelepe, todo trêmulo.

— E ela vem por aí — continuou Mico-Preto. — Avisei toda a família para fugir; aí atrás vem minha mulher trazendo os dois filhos pequenos, vêm também meus pais, tios, sogros, primos.

— Mas para onde vão? — perguntou Serelepe, olhando para os lados. — Onde vão se esconder?

— Vamos todos para o norte. Se a bicha ruim vem de um lado, nós vamos para o lado oposto. Estamos a caminho do norte.

Serelepe ficou pensando um pouco, depois disse ao primo:

— Então eu preciso avisar minha família também. Eu e aqui meu amigo Samba já ouvimos falar na Onça, mas não acreditamos muito. Agora vejo que é verdade porque você não mente.

— Fuja enquanto é tempo — disse Mico-Preto, preparando-se para continuar a viagem.

— E a Onça é grande? — perguntou Serelepe, com os olhos arregalados de medo.

— Ih! Dizem que é enorme, nunca apareceu uma tão grande nesta floresta. E anda muito depressa; numa noite ela estava num lado, de manhã estava a muitas léguas de distância.

— Não diga! — falou Serelepe.

Samba sentiu um arrepio. Foi quando ouviram uma voz que vinha se aproximando cada vez mais, Samba pensou que fosse voz humana, depois percebeu que não era. Dizia:

— Fugam todos! Fugam, companheiros. A Onça vem vindo!

Era o Papagaio-de-Peito-Roxo. Todas as vezes que ele percebia que os animais da floresta estavam ameaçados de algum perigo, alertava-os para que fugissem. Era um bom amigo e todos gostavam muito dele.

Atrás do Papagaio-de-Peito-Roxo, Samba e os companheiros viram um bando de maitacas e outro de periquitos. Voavam de árvore em árvore avisando com gritos estridentes que a Onça vinha vindo.

Mico-Preto despediu-se dos amigos e desapareceu entre as árvores, ia na frente abrindo caminho para a família que vinha logo em

seguida.



O VEADO PEDE CONSELHOS



Serelepe disse a Samba:

— Quer me acompanhar, amigo? Vou correndo avisar a família para que se esconda.

E assim dizendo, encaminhou-se para a gruta onde moravam os saguis. O cachorrinho acompanhou-o correndo por entre as árvores. De longe, ainda ouviam os gritos dos papagaios:

— Fugam! A Onça vem vindo...

Serelepe pulava de um galho para outro com grande agilidade. Samba acompanhava-o trotando no chão; assim foram em pouco tempo até onde residia a família de Serelepe. No caminho encontraram Martim-Pescador pescando muito calmamente o jantar para os filhos. Serelepe gritou-lhe:

— Você tem sorte, seu Martim. Não precisa ter medo da Onça, ela não come aves.

Martim-Pescador sacudiu a cabeça e não respondeu com medo de espantar o jantar.

Serelepe chegou afobado à residência dos saguis, bem no meio da floresta. Num instante reuniu todos e explicou que um perigo muito grande ameaçava a família. Os micos e macacos já tinham seguido para o norte a fim de fugir da Onça; era preciso que eles também fugissem imediatamente.

Os mais velhos ficaram ainda duvidando. Seria possível? Não aparecia onça naquela zona há muitos anos. Velhos e cansados, tinham que correr através da floresta? Quem sabe a Onça não viria daquele lado? E se eles se escondessem debaixo de uma pedra ou em cima de uma árvore?

Serelepe explicou que a Onça tem um faro muito agudo e descobre de longe a caça. E depois sobe em árvores com muita facilidade. Era preciso fugir.

Os mais jovens da família, que estavam comendo frutinhas, reuniram-se ao lado de Serelepe, prontos para partir.

De um lado, Samba assistia a tudo sem dar palpite. De repente apareceu um outro animal no meio deles, um que Samba não tinha visto ainda. Foi dizendo logo a Serelepe:

— Bom dia. Viemos pedir conselhos a você. Que devemos fazer? A Onça apareceu no sul e comeu dois primos nossos. Agora vem para estes lados. Que fazer?

Serelepe apresentou Samba ao Veado-Bororó. Depois respondeu:

— Nós estamos preparando a fuga. Querem vir conosco? Vamos nos esconder lá para o lado norte.

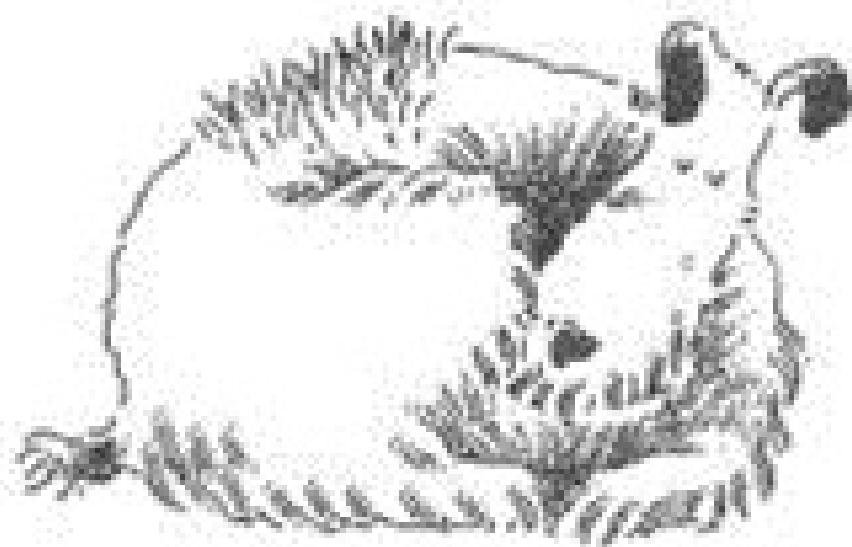
— A questão é que devíamos dar um jeito de matar a Onça — disse o Veado-Bororó. — Fugir só não adianta porque ela torna a voltar.

Serelepe abriu a boca de espanto:

— O quê? Matar a Onça? Com o quê? De que maneira?

— Temos de dar um jeito — repetiu o Veado-Bororó. — Por isso é que viemos aqui pedir conselhos. Ela é uma só e nós somos centenas. Lembre-se disso.

Quando Samba e Serelepe olharam, havia mais de dez veados esperando ali adiante. Eram duas famílias, a do Veado-Bororó e a do Veado-Pardo, que habitavam o seio da floresta.



OS QUATIS TAMBÉM PEDEM CONSELHOS



Logo mais, viram um bando de quatis que se aproximava cautelosamente: eram de cor cinza-amarelada, tinham cauda longa pintada de anéis pretos. O que estava na frente dirigiu-se a Serelepe:

— Amigo Sagui, estamos com medo da Onça. Ela vem vindo e está fazendo mortes e destruições pela mata. Da outra vez, ela devorou vários parentes nossos. O Veado-Bororó tem razão, devíamos reunir todos os bichos para matá-la.

— Isso é fácil de dizer — respondeu Serelepe. — Mas matar com o quê? Com a mão?

— Havemos de descobrir um meio de acabar com ela — disse o Quati. — Por isso viemos pedir conselhos a você.

— A mim? — gritou Serelepe muito admirado. — Quem sou eu para dar conselhos? Pobre de mim!

— Você é o bicho mais inteligente desta floresta — respondeu o

Veado-Pardo, solene. — Todos nós sabemos disso.

Serelepe ficou convencido e olhou depressa para o amigo Samba, para ver se ele tinha ouvido. Foi então que teve uma ideia; apresentou Samba aos quatis-de-vara que formavam um bando de vinte, depois falou:

— Vocês me acham inteligente? Pois eu afirmo que mais inteligente é meu amigo Samba, que chegou hoje da cidade.

Um dos veados-pardos disse logo:

— Mas se ele é da cidade, não pode conhecer os animais da floresta e portanto não pode matar a Onça.

Um quati respondeu antes que Serelepe dissesse alguma coisa:

— O amigo Veado esquece que a inteligência pode muito. A inteligência é a força maior que nós temos e pode acabar com todas as onças do mundo.

— Bravo! Bravo, Quati — disseram todos.

Todos rodearam o cachorrinho, e o Veado-Pardo falou:

— Dê alguma ideia então. Não temos tempo a perder e com a Onça ninguém brinca.

Foi quando ouviram um assobio fininho no meio de uma árvore imensa. Ficaram um pouco assustados, mas não era nada demais, era o Macaco-de-Cheiro, que tinha uma mancha preta ao redor da boca. Todos cumprimentaram o Macaco-de-Cheiro, ele estava acompanhado da mulher e de dois filhos. Foi dizendo:

— Estamos fugindo. Vocês vão ficar aí para cair na boca da Onça?

Então Veado-Bororó falou que tinham se reunido justamente para resolver o que haviam de fazer, e o melhor seria matar a bicha.

Macaco-de-Cheiro parou muito espantado e perguntou:

— Matar? Matar com o quê? Com espirro?

O Quati respondeu que estavam esperando a resposta do cachorrinho Samba, um amigo da cidade.

Samba era o alvo de todos os olhares; a bicharada achava que só ele podia salvar a situação. Tinha que ter uma ideia e uma boa ideia, do contrário ficaria desmoralizado. Ele deu umas mordidinhas numa pata, depois noutra, para ter tempo de pensar; depois olhou os companheiros e falou:

— Nós todos reunidos não podemos vencer a Onça em combate, ela é mais forte que todos nós. Quero dizer que não podemos vencer pela força, mas pela astúcia.

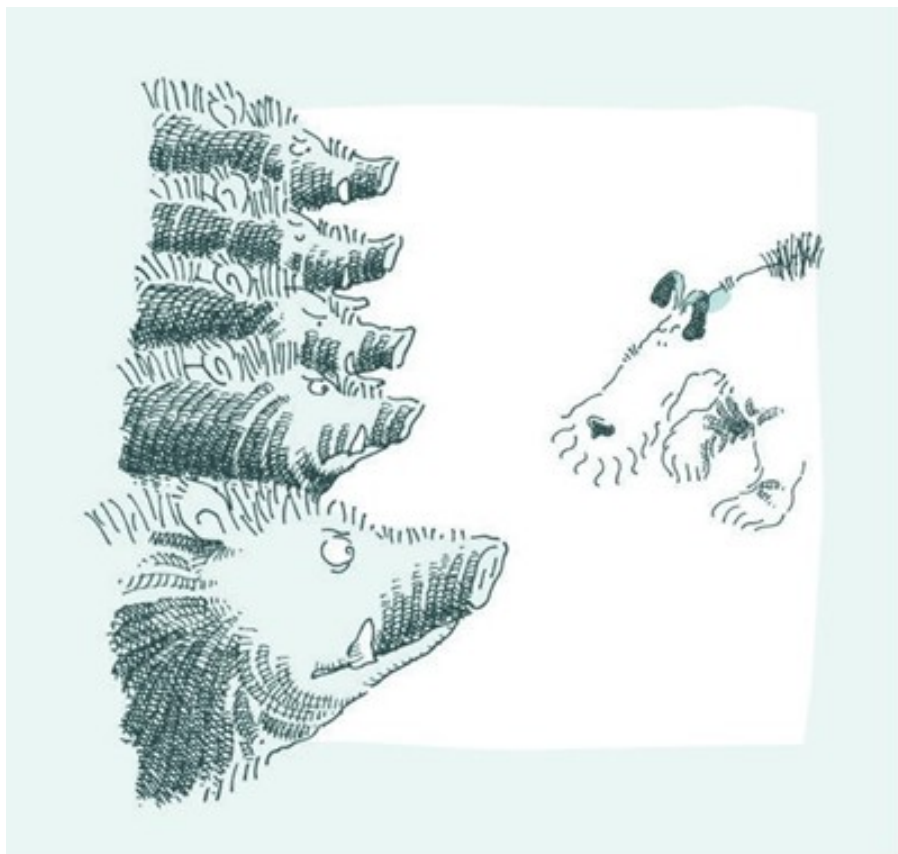
Ninguém sabia o que queria dizer astúcia e pediram explicações ao cachorrinho. Samba explicou que era outra forma de acabar com a fera. Precisavam descobrir se naquela floresta tão grande não havia um animal mais forte que a Onça; tinham que pensar num jeito de enganar a Onça para poder matá-la. Perguntou outra vez:

— Não há por aqui um animal mais forte que ela? Responderam

todos ao mesmo tempo:

— Não há. Ela é a mais forte de todos.





O cachorrinho ficou pensativo. Se não havia bicho algum mais forte que a Onça, haveria algum mais astuto, e de qualquer modo ela seria eliminada.

A Macaca-de-Cheiro suspirou:

— Tudo isso veio acontecer justamente na véspera do casamento de minha filha. Que azar!

O marido encorajou-a:

— Vamos ter confiança e esperar. Quem sabe a Onça vai morrer e ainda festejaremos o casamento de nossa filha!

— Qual! Já estou perdendo as esperanças. E o banquete que estávamos preparando ia ser uma coisa louca. Ia ter de tudo nesse banquete, tudo que se possa imaginar. A orquestra estava encomendada, os canários ensaiavam há muitos dias...

Quando os bichos ouviram falar em banquete, começaram a passar a língua nos lábios, imaginando as coisas gostosas que iriam comer. Todos ficaram ainda com mais raiva da Onça.

Quando ficaram quietos outra vez, Samba perguntou, depois de muito pensar:

— Não haverá nestas matas um animal que reunido com outro e mais outro e mais outro e mais outro possa enfrentar a bicha?

Os companheiros começaram a pensar: os macaquinhos punham as mãos na testa, os veados baixavam as cabeças, os quatis fechavam os olhos para lembrar melhor. De repente um quati deu um grito de triunfo:

— Eu lembrei agora. Há só um que reunido com a turma não tem medo de onça, nem de nada: Porco-do-Mato!

— E como é o Porco-do-Mato? — perguntou Samba. Explicaram-lhe que era parecido com porco da cidade, mas não era o mesmo. Um porco-do-mato quando estava sozinho não valia nada, mas quando se reuniam uns vinte ou mais, ninguém podia com eles. Ficavam valentes como nenhum outro.

— O que eles comem? — perguntou Samba.

Responderam que eles comiam frutas, raízes e talos tenros.

— E onde moram? — tornou a perguntar o cachorrinho.

Disseram que não era longe, no meio da mata, perto de uma lagoa bem para o norte. A ideia de Samba de procurar os valentes porcos-do-mato foi aceita e resolveram ir todos juntos.

Os quatis, os macacos-de-cheiro, os veados-pardos, os veados-bororós e toda a família dos saguis acompanharam Samba e foram à casa dos porcos-do-mato.

Serelepe ia na frente mostrando o caminho. Depois de uns vinte minutos de caminhada, pararam para escutar; ouviram uma espécie de latido. Samba parou, muito admirado, pensando que havia cachorros por ali, mas Serelepe contou que, quando os porcos-do-mato estão zangados, costumam latir.

Andaram mais um pouco e viram uns cinco porcos reunidos sob uma árvore muito alta.

— Boa tarde, companheiros! — gritou Serelepe muito amável.

Os porcos-do-mato não eram alegres, pareciam ranzinzas e estavam sempre resmungando; mal responderam ao boa-tarde alegre do Sagui. Olharam aquela bicharada com ar de pouco caso. Serelepe pediu para Samba falar:

— Explique você, que sabe falar melhor.

O cachorrinho perguntou se os porcos já tinham ouvido falar da Onça. O mais velho, gordo e feio, disse que naquele instante havia recebido a notícia e estava indignado, pois a bicha gosta muito de comer porcos-do-mato.



O cachorrinho falou durante alguns minutos, explicando o que os animais da floresta deviam fazer para se livrar da Onça.

— A questão — disse o porco, chefe da turma — é que ela pode vir de um lado enquanto se espera do outro.

— Para isso eu tenho uma ideia — respondeu Samba. — Podem confiar em mim.

Ficaram todos mais animados. Nisso viram o Bicho-Preguiça que vinha descendo de uma árvore muito lentamente. Um dos veadinhos mais novos deu um pulo para um lado, pensando que era a Onça.

O Veado-Bororó acalmou o filho dizendo que não tivesse medo, pois dona Preguiça era amiga de todos — e que tivesse confiança no amigo da cidade que haveria de ensiná-los como se livrarem da Onça; para isso ele conhecia um jogo muito bom chamado astúcia.

Dona Preguiça queria escutar o plano e parou no meio da árvore, abraçada ao tronco e esperando.

Samba ficou no chão, tendo Serelepe ao lado. Antes de falar, lambeu as patas como era seu costume, depois olhou os animais que o

rodeavam e falou:

— Companheiros, meu plano é muito simples e peço que escutem com atenção. As notícias que soubemos é que a Onça vem do lado sul...

— Vem do norte! — interromperam. Samba continuou:

— Ouvimos dizer que vem do sul, companheiros. Aqui o meu amigo Serelepe diz que ela deve vir beirando o rio, pois foi justamente na margem desse mesmo rio que ela devorou uma anta e dois veados gêmeos.

Os animais estremeceram de horror e se entreolharam. Os porcos-do-mato bateram os dentes de raiva (por isso também tinham o apelido de queixadas), ouvia-se de longe quando eles batiam os queixos no momento em que eram atacados.

Samba continuou a falar:

— Nesse caso, um de nós vai ficar na margem do rio, oculto atrás da folhagem, para atrair a Onça. A Onça então começa a seguir esse que a atraiu até trazê-la para o lugar onde os porcos-do-mato escolheram para trucidá-la...

Estremeceram de novo e, nesse mesmo momento, o Jabuti pôs a cabeça para fora de umas folhas que o cobriam. Serelepe perguntou:

— O senhor está aí, seu Jabuti?

— Escutando tudo — respondeu ele. — Se quiserem, eu vou até a margem do rio buscar a Onça.

Todos sabiam que se fossem esperar pelo seu Jabuti, nenhum se salvaria naquela floresta.

— Como é garganta! — murmurou Samba ao ouvido de Serelepe, e este respondeu:

— Ele sabe que não aceitam, por isso se oferece. O Veado falou, todo importante:

— Quem vai buscar a Onça sou eu. Acho o plano do Samba muito bom e penso que desta vez a bicha não escapa. É isso que se chama astúcia?

— É — respondeu o cachorrinho. — Vamos usar de astúcia para trazê-la até aqui onde os porcos-do-mato ficarão escondidos. No momento em que eu fizer o sinal combinado, atacam a Onça e ela morrerá.

— Bravo! — disse o Jabuti com o pescoço fora da casca. — Bravo!

A mulher do Veado-Pardo começou a chorar, não queria que o marido fosse atrair a Onça. Seria perigoso. Então os quatis e os macacos-de-cheiro prometeram auxiliar o Veado-Pardo, dizendo que ela podia ficar tranquila, nada de mal aconteceria ao marido.

Trataram de pôr o plano em execução.



Estavam confabulando apressadamente porque o tempo corria e eles precisavam agir, foi quando viram Mico-Preto chegar com toda a família. Mico-Preto tinha os olhos esbugalhados de medo; os pelos do corpo estavam em pé, os filhos choravam, a mulher gemia.

Serelepe foi ao encontro dele e perguntou:

— Que aconteceu, primo? Você está com cara de quem viu a Onça.

— Pois é isso, primo Sagui. A Onça passou perto de nós, senti o bafo dela no meu pescoço.

A bicharada rodeou Mico-Preto; todos queriam saber e faziam perguntas ao mesmo tempo. Os porcos-do-mato batiam o queixo de raiva, os quatis gemiam e se encolhiam, os macacos-de-cheiro tremiam, uns juntinhos dos outros, os veados-pardos e os bororós olhavam aterrorizados as árvores da floresta.

Parecia que atrás de cada árvore havia uma onça escondida. Samba e os saguis continuaram firmes esperando a resposta do Mico-Preto;

enquanto do Jabuti não havia sinal, tinha se escondido sob as folhas do chão.

— Então? — perguntou Serelepe. — Conte como foi; você veio do sul ou do norte?

— Venho do norte, primo. Não se lembra de que nos encontramos de manhã no caminho?

— Lembro perfeitamente. Mas se a Onça está no sul, primo...

— Qual sul o quê, aí é que está o engano. Encontramos a bicha no norte, senti o bafo dela. Está lá!

— Não é possível — disseram os bichos, começando a criar coragem. — Os que vêm do sul dizem que ela está naquela zona, como é que você viu a bicha no norte?

— Pois ela está no norte — confirmou Mico-Preto.

— Foi assim: eu e minha família íamos indo bem depressa para aquele lado, íamos nos esconder em casa do nosso parente e compadre Macaco-da-Meia-Noite. Foi quando ouvimos um rugido, logo depois outro. As crianças começaram a chorar de medo, o que é natural. Subimos no galho mais alto de uma perobeira e ficamos lá em cima, esperando. Vimos então, minha família e eu, a Onça-Pintada passar miando, o rabo em pé, procurando comida. Senti um arrepio na espinha e minha mulher ficou tão assustada que quase caiu do galho, eu fui segurar minha mulher e caí em cima da Onça!



Os bichos falaram ao mesmo tempo, boquiabertos:

— Não diga!

— A bicha levou um susto danado e desandou a correr; ficou com medo de mim, essa é a verdade. Não me conheceu e assustou-se com minha queda. Imagine meu susto! Fiquei ali para um lado com minhas pernas bambas, depois tornei a subir na árvore mais que depressa e esperei uma hora inteira. Quando vi que ela estava longe, tratei de descer e trazer toda a família para cá.

Ficaram todos sem compreender; um olhava para o outro e sacudia a cabeça como quem diz: “Que havemos de fazer?”. Foi quando Samba falou, muito sério:

— São duas onças em vez de uma, meus amigos. O perigo aumenta.

Serelepe falou muito preocupado:

— Já sei. Então Mico-Preto encontrou o marido da Onça. Temos que lutar de verdade.

A Macaca-de-Cheiro tornou a se lamentar:

— Justamente na véspera da festa do casamento de Miriquina. Que azar!

O cachorrinho procurou acalmá-la:

— Tenha confiança. Vai haver o casamento de sua filha como se não houvesse onça alguma!

— Devemos ter confiança — disseram todos.

Mas cada um tinha mais medo que o outro e olhava para trás apavorado.





Samba, que fora nomeado chefe dos bichos da floresta, ordenou aos porcos-do-mato que tomassem posição de ataque. Cada um se colocou atrás de um arvoredor ou do tronco grosso de uma árvore a fim de não ser visto pela Onça. Eram vinte porcos-do-mato que ficaram prontos para o combate, como se fossem soldados. Depois Samba ordenou aos saguis, aos micos e aos macacos que subissem nas árvores mais altas e ficassem escondidos entre as folhas, sem se mexer.

Ordenou aos veados e aos quatis que se escondessem também no lugar mais escuro da floresta e não aparecessem enquanto não fossem chamados. Disse que, numa ocasião como aquela, quem não ajuda, atrapalha. Todos obedeceram imediatamente.

Jabuti pôs o pescoço comprido fora das folhas e perguntou com voz disfarçada:

— Quer que ajude também, Sambinha?

— Muito obrigado — respondeu Samba. — Quando precisar eu chamo. Pode se esconder outra vez.

Jabuti não esperou segunda ordem, desapareceu sob as folhas do solo.

— Bem — disse o cachorrinho —, agora que todos estão bem escondidos e quietos, eu vou com Veado-Pardo atrair a Onça para este ponto da floresta. Não se mexam e os porcos-do-mato que sejam bem valentes quando a bicha chegar.

A Anta apareceu correndo:

— Eu sei um jeito de acabar com a Onça. Eu tenho astúcia.

— Quando precisar eu chamo — disse o cachorrinho.

— Suma-se daqui. Você deve lembrar que são duas onças, talvez eu precise de você para acabar com a segunda.

— Estou às ordens — disse a Anta.

E tratou de se esconder. Samba e o Veado-Pardo tomaram o caminho do rio onde a Onça devia estar. Ouviram a vozinha de Serelepe lá de cima de um jacarandá:

— Felicidades!

Os dois foram andando com muito cuidado; Samba ia com o ouvido alerta. Qualquer barulhinho que ouvia, ele parava, escutava, cheirava. Depois de terem andado um bom tempo e quando já estavam chegando à margem do rio, Samba, que ia na frente, parou e franziu o focinho para aspirar o ar:

— Já senti a bicha, ela anda por aqui. Tenho certeza.

Veado-Pardo começou a tremer, Samba disse-lhe no ouvido:

— Não tenha medo. Teremos tempo de sobra para correr e ela nunca nos pegará. Coragem.

Deram mais uns passos e espiaram através da folhagem, viram então a Onça-Pintada deitada na beira do rio. Estava calmamente lambendo uma das patas, uma pata enorme com unhas muito grandes. Tinha o pelo amarelado cheio de manchas pretas, por isso era chamada de Pintada. A cauda era longa. De vez em quando seus olhos amarelos percorriam a mata com curiosidade.

Os dois amigos ficaram parados olhando o animal; não havia dúvida de que era o mais forte da floresta. Além da força, tinha vantagem dupla sobre as vítimas: trepava em árvores e atravessava os rios com a maior facilidade.

Parece que enquanto estava sendo observada, ela percebeu qualquer coisa, porque no mesmo instante ficou de pé, o focinho levantado. Samba murmurou no ouvido do Veado:

— Ela já percebeu que estamos aqui. Sentiu nosso cheiro.

— Vamos correr? — propôs o Veado.

— Vamos primeiro fazer um barulho qualquer, depois correremos. Ela vai direitinho atrás de nós porque está com fome. E nós já sabemos

onde ela vai parar: lá onde estão todos esperando.

— E se ela nos alcançar? — perguntou o Veado.

— Não há perigo — respondeu Samba. — Temos boas pernas e sabemos o caminho que temos de seguir. Ela não terá pressa porque tem certeza de que há de nos pegar. Então será trucidada. Coragem, companheiro.

Veado-Pardo disse que tinha tanto ódio da Onça que até tinha perdido o medo, era capaz de fazer qualquer coisa para ver a bicha sumir daquela floresta. Era o terror dos veados.

Depois de tudo combinado os dois começaram a quebrar galhinhos secos e Samba até deu um espirro para atrair a atenção da Onça. Viram quando ela levantou a cabeça enorme e encaminhou-se para o lugar onde eles estavam.

Os dois valentões embrenharam-se na floresta, seguidos de perto pela Onça-Pintada. De vez em quando o cachorrinho olhava para trás para ver se ela vinha vindo. O Veado tinha tanto medo que corria na frente e nem tinha coragem de olhar para trás. Parece que queria ficar logo livre da Onça.



Atravessaram uma boa parte da mata, os dois na frente e a Onça atrás. Ela estava certa de que teria ali um bom petisco para o jantar e eles estavam certos de que o fim da Onça estava próximo.





Depois de caminharem um bom tempo por entre as árvores, cipós e folhagens, chegaram ao lugar onde a bicharada estava esperando. Samba parou bem no meio das árvores e olhou para trás outra vez para ver a Onça; ela olhou ao redor meio desconfiada, depois levantou o focinho para cheirar o ar.

Não viu nada porque todos estavam muito bem escondidos; somente o cachorrinho e o Veado que fingiam não ter onde se esconder e só pensavam em fugir. A Onça deu então um rugido de satisfação e preparou o pulo para pegar os dois amigos.

Veado-Pardo quase desmaiou de susto; nesse instante, Samba fez um sinalzinho aos porcos-do-mato, conforme haviam combinado, e estes saíram de trás das árvores onde estavam ocultos.

Quando a Onça se viu rodeada de inimigos ferozes, preparou-se para a luta. Parecia ainda maior, o corpo todo cheio de manchas pretas. Ela sentou-se nas patas traseiras, arreganhou os dentes, e mostrou as garras imensas. Estava de braços abertos, pronta para lutar.

Os porcos-do-mato avançaram todos ao mesmo tempo, eram mais de vinte. A bicha deu uma patada no primeiro que se aproximou e atirou-o longe, deu uma patada que arrancou carne do segundo e pegou o terceiro a dentadas.

Quando o cachorrinho viu aquela ferocidade, ficou apavorado, e sem saber o que fazer. E se os porcos-do-mato não vencessem? Que seria dele e daquela bicharada que estava ali escondida? Não poderia com aquele animal formidável. Tinha que se esconder em qualquer canto. Mas onde?

Os veados-bororós e pardos não faziam nada a não ser tremer. Também... coitados! Como poderiam enfrentar aquela fera terrível? Os porcos-do-mato rangiam os dentes, batiam os queixos e avançavam de dois em dois, de três em três, mas qual! A bicha estava furiosa, nunca havia sido atacada dessa maneira; dava unhas e patadas e atirava todos longe.

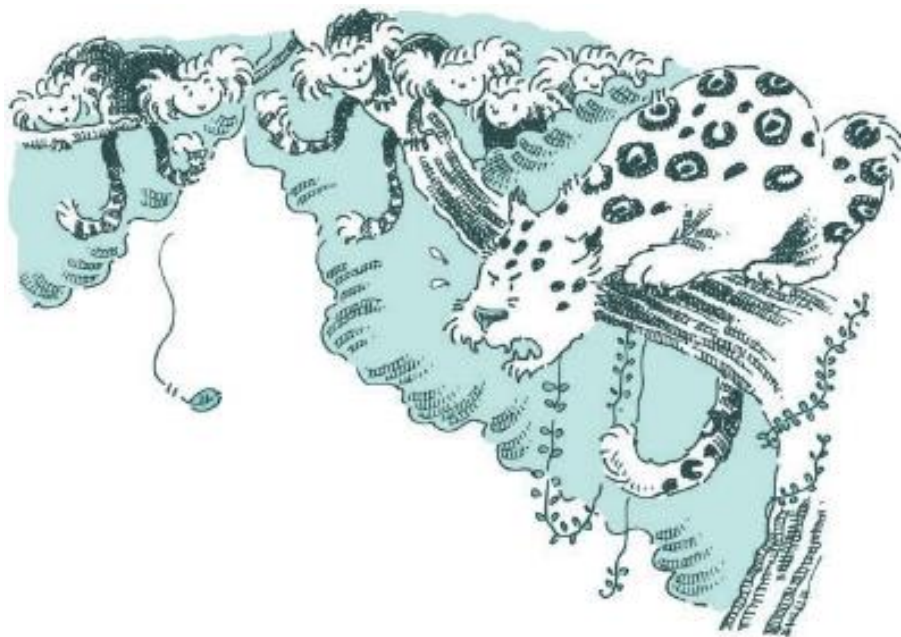
Os quatis nem davam sinal de vida, haviam desaparecido como por encanto; se ao menos fizessem barulho, podiam assustar a Onça. A macacada, silenciosa, assistia a tudo lá do alto das perobeiras e dos jacarandás. Nem parecia que havia ali dúzias e dúzias de macacos.

A Anta, que havia oferecido seus serviços com tão boa vontade, também havia sumido. Samba estava achando que aquela luta ainda ia acabar mal e não sabia o que fazer, nem para onde fugir.

O Porco-do-Mato mais valente, o chefe da turma, dizia aos companheiros entre duas batidas de dentes:

— Ou nós matamos a malvada ou ela nos mata. Avante, camaradas!

Quando a Onça viu tantos porcos avançando ao mesmo tempo, dentes arreganhados e dando latidos de furor, resolveu subir à árvore mais próxima, uma perobeira gigante.



O cachorrinho, que não estava acreditando muito que ela subia mesmo em árvores, ficou admiradíssimo, pois num pulo a Onça alcançou o primeiro galho.

Justamente nessa perobeira estava escondida a família dos saguis, e Samba nunca ouviu gritaria tão grande. Eles davam gritos e pulos; Samba só via caudas peludas balançarem por entre os galhos da árvore. A Onça, que não esperava aquilo, parou meio assustada com aqueles guinchos e, nesse instante, o Porco-do-Mato deu um pulo e puxou o rabo dela.

A Onça urrou de tanta raiva e caiu da árvore. Caiu bem em cima do Jabuti que estava esperando uma oportunidade para sair daquele lugar tão perigoso, pois estavam lutando bem em cima do local onde ele tinha se ocultado.

Quando o Jabuti sentiu o peso da Onça em cima da casca, mergulhou o pescoço debaixo das folhas, quase morto de medo. O berreiro foi medonho. Os macacos e os micos gritavam com toda a força:

— Pega, Porco-do-Mato! Pega! Esfola! Mata!

O Jabuti tremia sem saber para onde ir. Os quatis criaram coragem e pularam para o meio da briga; queriam pegar a Onça pela orelha. Mas os porcos-do-mato não deixavam e diziam batendo os queixos:

— Larga! Larga! Ela é nossa!

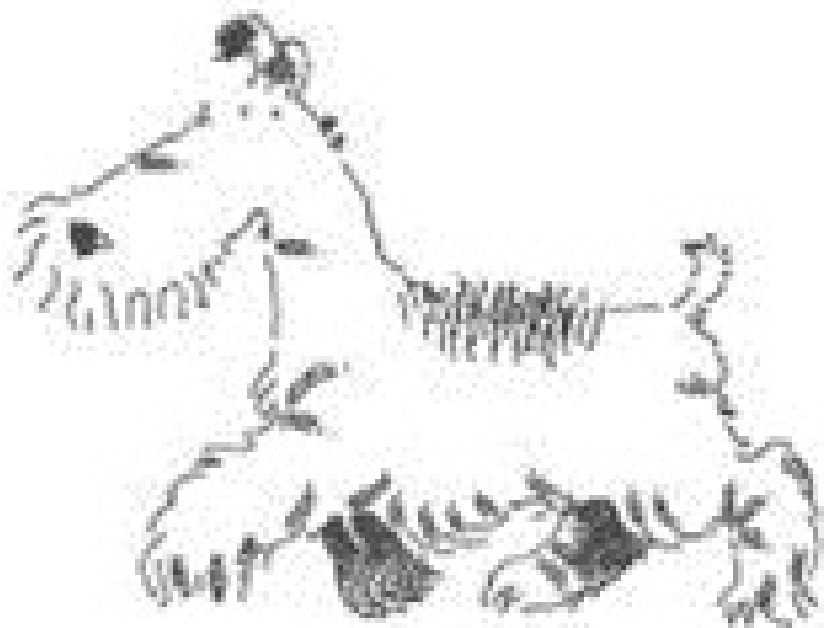
Deram tanta mordida na Onça que ela não aguentou mais; caiu morta. Depois que tudo estava acabado, seu Jabuti saiu debaixo das folhas e avançou para cima da Onça como se fosse tirar pedaços. Dizia

alto para todos ouvirem:

— Viram o que eu fiz? Quando a luta estava mais feia, eu saí do meu canto e fui ajudar os porcos-do-mato. Puxei o rabo da bicha, mordi o focinho dela, tirei lasca de couro e quando ela sentou na minha cabeça, dei um safanão que a joguei longe!

E balançava o pescoço de um lado para outro, contente com a façanha. Samba pensou:

— Sujeito garganta!





Estavam todos ao redor da Onça, quando apareceu a Anta correndo, um pouco assustada.

Serelepe quis logo saber o que havia assustado a Anta; ela estava tão cansada da corrida que nem podia falar. Afinal contou que tinha visto uma onça enorme bebendo água no rio.

— Não pode ser — disse o Quati. — A Onça que você viu é esta; está bem morta.

A Anta olhou a Onça que estava no chão e afirmou que não era aquela, pois tinha acabado de ver outra, naquele instante, na margem do rio, e era muito maior. Era outra onça.

Os miquinhos juntaram as mãos no peito e começaram a tremer; os macacos deram gritos e olharam ao redor para ver qual a árvore mais alta em que pudessem se esconder.

Ouviram então um bando de papagaios gritando:

— Fugam que a Onça vem vindo. Fugam...

E eles continuaram a voar de galho em galho para avisar todos os animais da mata. Que fazer? Os porcos-do-mato estavam tão cansados da luta que nem se mexiam, deitados no chão. Bufavam ainda de cansados. Não aguentariam a luta com a outra Onça.

Samba pensou, pensou e não achou solução alguma. Depois lembrou-se do que a Anta disse sobre um plano que tinha esboçado. Chamou a Anta de um lado — ela estava agora descansando da corrida — e perguntou-lhe:

— Anta, você disse que tinha um plano para matar a Onça?

— Tenho sim — respondeu a Anta. — Mas agora estou muito cansada para pensar nisso.

— O quê? — falou o cachorrinho. — Estamos em perigo e você diz que está cansada? Anta, se você quiser salvar sua vida e a dos seus parentes e amigos, temos que agir. Agir imediatamente.

A Anta criou mais coragem, resolveu falar. Todos os outros animais esperavam a decisão de Samba, pois tinham uma confiança ilimitada no cachorrinho.

A Anta falou no ouvido de Samba alguns minutos; o cachorrinho disse que o plano era ótimo e estava aprovado.

Combinaram tudo então. Samba determinou que cada bicho voltasse para seu lugar e ficasse quieto, esperando. Todos obedeceram. Samba deu ordens aos quatis e aos macacos; eles arranjaram um grosso tronco de árvore que estava ali perto caído e o colocaram no caminho onde a Onça devia passar.

Depois de pronto, tudo silenciou naquele canto da floresta e cada bicho ficou quieto em seu lugar: alguns nos galhos mais altos das árvores, outros no chão, atrás dos troncos e das moitas de cipós.

A Anta, que era valente, disse que ela mesma iria provocar a Onça, despediu-se dos amigos e foi embora para a margem do rio, fingindo que estava passeando.

De longe, Samba apreciava, pois não podia deixar de acompanhar a Anta para ver o resultado.

Espiaram a Onça por trás de um pau: era amarelada, de um amarelo mais claro que a primeira, enorme, gorda, as patas grossas e pesadas.

O cachorrinho, que havia alcançado a Anta, sussurrou-lhe ao ouvido:

— Eu sei que sua tarefa é perigosa, mas sei também que você é valente e tudo há de dar certo. O que é preciso é você ser calma e corajosa. Boa sorte.

— Obrigadinha. Não fique longe, sim?

— Não — disse Samba. — Eu fico por aqui para apreciar.

A Onça, quando viu a Anta se aproximar muito distraída, subiu em uma árvore e esperou. A Anta não queria outra coisa; ficou bem

embaixo da árvore procurando frutinhas no chão.

Pegou uma, largou, pegou outra, comeu. Suspirou, olhou de um lado, de outro, bocejou... De repente a Onça bum! caiu em cima da Anta para matá-la.

A Anta, que estava esperando isso mesmo, não se assustou. Saiu correndo e foi direitinho onde estava o tronco da árvore atravessado no meio do caminho.

Começou a torcida. A bicharada, que estava escondida no mato, gritava para que a Anta não tropeçasse e levasse a Onça para o lugar determinado.

Se ela tropeçasse ou errasse o caminho, adeus Anta! Mas ela foi direitinho para o lugar marcado. Gritavam:

— Corra, Anta! Corra mais um pouco! Mais um pouco!

Serelepe e os parentes pulavam em cima do galho e berravam:

— Aí, Anta. Bota a malvada no pau! E diziam para a Onça:

— O mesmo fim que teve sua mulher, você vai ter também, marido da Onça!

A bicha ouvia tudo isso, mas não podia imaginar o fim que teria. Se ela se atirasse no chão, tinha certeza de que os animais todos se juntariam para matá-la. Resolveu ficar em cima da Anta, pois talvez assim tivesse uma probabilidade de se salvar.

Os macacos berravam:

— Mais um pouco, Anta! Mais um pouco! Coragem! E a Anta corria, toda curvada com o peso da Onça no lombo, sem saber se tudo acabaria conforme o plano dela e de Samba. O cachorrinho corria atrás, queria assistir ao fim da Onça, pois tinha certeza de que tudo acabaria bem.

A Anta bufava de cansada e a Onça, com as garras presas nas costas da Anta, bufava também de susto.

A corrida foi assim até o fim; os bichos torcendo e gritando, alguns correndo atrás, outros assistindo lá de cima dos galhos mais altos. Até que afinal todos viram o que aconteceu.

Bem no meio do caminho, havia o tronco de árvore atravessado, em vez de a Anta parar ou passar por cima, deu um jeitinho e zás! passou por baixo do tronco, num buraco que só ela e Samba conheciam.

O buraco era estreito e não dava lugar para a Onça passar, de modo que a bicha bateu a cabeça com toda a força no tronco caído.



A bicharada berrou de entusiasmo:

— Bravos! Viva a Anta valente! Viva!

A Onça estava morta. Os quatis e os veados pulavam de contentes. Serelepe e os primos começaram a dançar em volta das duas onças mortas.

Depois chamaram Samba e disseram que o cachorrinho era o herói da floresta, pois tinha dado um jeito de acabar com o maior inimigo dos bichos: a Onça.

Samba agradeceu e disse que se os outros não tivessem ajudado, ele nada poderia ter feito e quem devia merecer mais vivas era a Anta, que tinha sido bastante corajosa. E gritou para terminar:

— Viva a Anta!

A Anta foi carregada em triunfo durante uns quinze minutos através da floresta; depois bateram com a cabeça dela num pau mais alto e ela gritou:

— Eh! Vocês são amigos da onça, quase que me matam também.

Pararam a passeata. Voltaram correndo para perto de Samba, que estava dizendo aos outros bichos que iria voltar para a cidade naquele mesmo dia, a floresta era perigosa com tantas onças.

Então os bichos explicaram que era raro aparecerem onças naquela zona, era uma floresta tão sossegada, tão sossegada... Samba devia ficar ao menos um dia mais. Os macacos-de-cheiro deram um passo à frente e convidaram o cachorrinho para ficar e assistir ao casamento da filha Miriquina, que seria no dia seguinte. Haveria banquete e baile. Samba resolveu ficar.



Depois que tudo ficou combinado e Samba declarou que ficaria hospedado em casa da família Sagui, Jabuti apareceu afobado, querendo saber onde estava a outra Onça que ele queria matar, esfolar, tirar pedaços.

Como todos conheciam as “prosas” do Jabuti, não deram importância. Só Serelepe respondeu:

— Essas já não existem. Quando aparecer outra onça, nós mandamos chamar o senhor, seu Jabuti.

— Mande mesmo, mande mesmo, quero ter esse prazer — respondeu o garganta.

Serelepe piscou para os outros bichos, pois todos sabiam que o Jabuti era o primeiro a se esconder. Começaram a se despedir porque a noite já estava caindo sobre a mata e cada um foi procurar seu canto para dormir.

Jabuti mergulhou outra vez o pescoço nas folhas e começou a

cochilar. As antas despediram-se e foram para a beira do rio, onde residiam. Os porcos-do-mato, que já tinham descansado bastante, disseram boa-noite e foram embora.

Os quatis e os veados também se despediram. A todos eles os macacos-de-cheiro diziam, solícitos:

— Não se esqueçam do casamento amanhã. A festa começa ao meio-dia, esperamos que venham.

Todos prometiam comparecer. Mico-Preto e família sumiram entre as folhas da palmeira mais alta, era lá que eles dormiam.

Serelepe e Samba tomaram o caminho da casa dos saguis; tinham que atravessar o riozinho. Quando foram se aproximando da margem, ouviram a voz do Martim-Pescador:

— Já soubemos do resultado da luta de hoje. Bravo ao herói do dia.

— Isso é com você — disse Serelepe, dando uma cotovelada no cachorrinho.

— Obrigado — falou Samba. — Mas não sou herói nenhum, todos colaboraram para a vitória.

— Como não? — gritou seu Martim. — Se não fossem seus planos, suas ideias, sua coragem, o que seria desta mata? Eu e minha família ficamos entusiasmados, acabou-se o terror da floresta.

— Mas se não fosse a força dos porcos-do-mato e a coragem da Anta, nada poderíamos fazer.

Martim-Pescador respondeu:

— E se não fosse a ideia do cachorrinho Samba, nada podiam fazer. Não é, Sagui?

Serelepe concordou, dizendo que Samba tinha sido um verdadeiro herói, depois perguntou quem havia trazido a notícia ao seu Martim.

— Meu amigo Papagaio-de-Peito-Roxo — falou Martim-Pescador. — Eu quase não saio de casa, ele é quem traz as novidades.

Convidou os amigos para entrar um pouco na casa, mas Serelepe e Samba disseram que já era tarde e que precisavam chegar logo em casa para jantar e dormir. No dia seguinte teriam grande festa, pois haveria o casamento de Miriquina.

Despediram-se. Os dois amigos continuaram o caminho e logo depois chegaram ao grande rochedo onde morava a família Sagui.

Estavam jantando. Havia frutas de várias qualidades e talos tenros de plantas. Samba aceitou alguns ingás. Todos comentavam a história das onças com grande entusiasmo.





Depois de terminado o jantar, os saguis subiram nas árvores para dormir. Serelepe ficou sem saber o que fazer; não queria deixar o amigo sozinho e então resolveu ficar dormindo no chão, pois Samba não subia em árvores. Ficaram um ao lado do outro, encostados num tronco bem grosso rodeado de folhagens e aí cochilaram. Tudo estava em silêncio na mata, não se ouvia nada. Apenas alguns grilos cantavam nas moitas de quando em quando. De repente Samba ouviu uma ave piar, era um pio diferente, esquisito. Ficou assustado e resolveu acordar Serelepe.

— Serelepe, estou ouvindo um barulho esquisito. Parece pio de ave. Que será?

O amigo escutou uns momentos e respondeu bocejando:

— Oh! É a Coruja que está passeando um pouco. Não sabe que ela é uma ave noturna? Sai durante a noite para procurar comida. Vamos

dormir outra vez, olhe que o dia hoje foi cheio. Matamos duas onças...

Samba achou graça e não disse nada; o amigo só havia ficado na árvore mais alta, pulando e gritando. Serelepe já estava começando a roncar. Samba procurou dormir e fechou os olhos, mas estava estranhando tanto aquela floresta imensa, misteriosa, que por mais que se esforçasse não conciliava o sono.

E se aparecessem outras onças? Que faria? O casal de onças já estava morto, mas não poderia haver filhos do casal? E se viessem de repente e matassem toda a família dos saguis? Era uma família tão gentil e simpática que o cachorrinho não queria que acontecesse nada a ela.

Quando estava querendo cochilar, ouviu uma espécie de grito, pareciam gritos de gatos. Que seria? Se não havia gatos na mata, que animais seriam aqueles? Seriam perigosos?

Resolveu acordar o companheiro outra vez.

— Serelepe, estou ouvindo gritos, parecem gatos brigando. Escute!

Serelepe abriu um olho, depois outro, ficou uns minutos escutando, depois falou:

— Ora, companheiro, são lontras. Já se esqueceu delas?

— Mas será possível? Então eu já conheço...

— Já foi apresentado a elas. São aqueles animais que vivem perto do rio e ficam quase o tempo todo pescando.

O cachorrinho ficou admirado:

— Ah! Isso você não tinha me contado. Elas sabem pescar?

— Sim, senhor. Comem peixes, aves aquáticas, são cinzentas, não se lembra? Quando estão juntas, gritam como gatos. Pertencem à família dos carnívoros, têm hábitos noturnos e pescam durante a noite.

— E não perseguem os outros animais? — perguntou Samba.

— Não, amigo. Pode dormir sossegado.

Serelepe acabou de falar e roncou. Samba ficou escutando os gritos das lontras; à noite pareciam diferentes. E ele que pensava que o silêncio era total na floresta durante a noite! Qual o quê! Nem se podia dormir direito. Parecia que os bichos gostavam de sair à noite de suas tocas e fazer barulho de propósito para acordar os que queriam dormir.

No mesmo instante em que Samba estava pensando isso, ouviu outro barulho esquisito; estavam arrancando pedaços de madeira ali pertinho. Que seria? Serelepe havia contado que a onça, quando está zangada, arranca pedaços da árvore com as unhas. Seria outra onça? Escutou um tempo, sem coragem de acordar o companheiro para perguntar o que era aquele barulho.

Parecia que tiravam lascas de pau com os dentes; deviam ser ferozes aqueles animais. Algum novo bicho? Por que Serelepe não havia contado antes sobre os animais noturnos? Assim ele saberia qual era

esse. Resolveu acordar o amigo; podia ser um animal perigoso, o melhor era perguntar. Falou ao ouvido do companheiro:

— Serelepe! Serelepe! Estão cortando pau aqui pertinho de nós. Que será?

Serelepe acordou de mau humor:

— Trate de dormir, seu Samba. Não é nada. Não vê que estou morrendo de sono?

— Escute. É um barulho estranho, estão cortando madeira aqui perto.

Serelepe pôs o ouvido à escuta, depois falou ao cachorrinho:

— Ah! São as iraras. Não tem importância o barulho.

— O que é isso? Irara? Que espécie de animal é esse?

— São chamados iraras ou papa-méis. São pardos, baixos, saem à noite para caçar.

— De que se alimentam?

— De pássaros e ovos. Adoram mel. Esse barulho que você está ouvindo é quando elas tiram lascas de troncos de árvores para chegar ao ninho das abelhas. Pode dormir tranquilo, elas não fazem mal a nós.

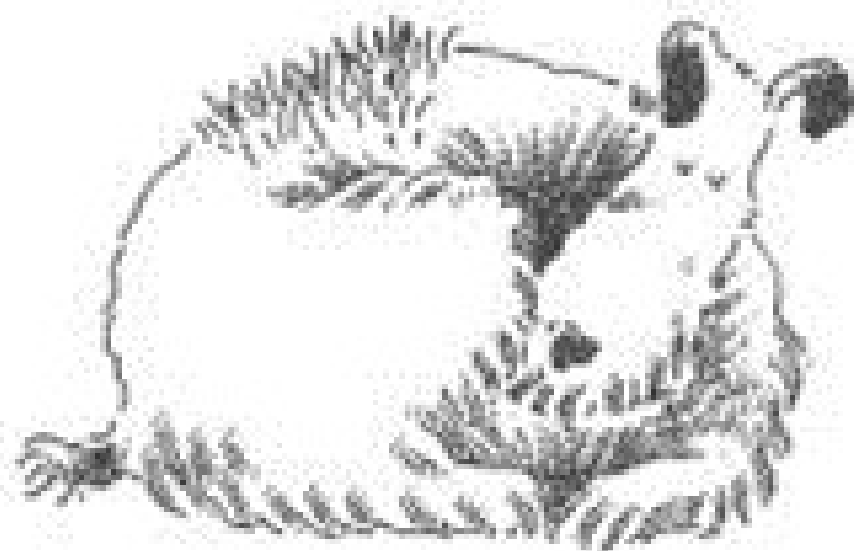
— Então desculpe — disse Samba. — Acordei você tantas vezes, é porque não estou acostumado a dormir no meio da mata.

Serelepe nem estava ouvindo, tinha dormido outra vez. O cachorrinho virava para um lado, virava para outro, sentava-se nas patas traseiras, ficava de pé, sem poder dormir. Que floresta do barulho!

Nunca pensou que fosse assim. Afinal, já de madrugada, começou a cochilar, mas acordou logo por causa de um bando de papagaios que voou bem em cima da árvore onde dormiam os saguis. Uns papagaios barulhentos, falavam todos ao mesmo tempo:

— Hoje é dia do casamento de Miriquina! Vamos nos aprontar para a festa! Vocês já viram o presente que vou levar? É uma beleza.

— Hoje é dia de festa! Hoje é dia de festa! Samba desistiu de dormir.





A floresta toda acordou com o canto das aves: voavam em bandos, de árvore em árvore, alegres com a beleza da madrugada. Os bem-te-vis davam gritos agudos, os beija-flores-do-mato voavam de um galho a outro procurando mel, os alegrinhos cor de azeitona, de peito amarelo, conversavam entre si, os caracarás passavam de três em três procurando bichinhos para dar aos filhotes, os sabiás cantavam com entusiasmo na festiva manhã, os pica-paus batiam em troncos à procura de vermes, as lavadeiras bebiam água no rio, os jaós diziam aos outros que passavam: “Eu sou jaó! Eu sou jaó!”.

Samba se espreguiçou para diante e para trás, olhou os saguis que estavam dependurados comendo talos de planta, depois foi à margem do rio beber água. As capivaras estavam dentro d’água tomando banho e se aprontando para a festa.

As cutias pardacentas, quase sem rabo, iam saindo das tocas nas proximidades do rio e procuravam raízes para comer, conversaram com as capivaras e disseram que também iam ao casamento.

Samba ouvia as conversas e prestava atenção naqueles animais que ele não conhecia. Ouviu a voz de Serelepe chamando:

— Samba, venha comer alguma coisa para depois nos pormos a caminho.

— É muito cedo — respondeu Samba. — Ouvi dizer que a festa começa ao meio-dia.

Depois perguntou ao amigo se a casa da noiva era longe. Serelepe disse que era bem no centro da mata e eles tinham que andar uma hora para lá chegar.

O cachorrinho comeu alguns ingás e experimentou uns talos tenros de avenca que os saguis comiam com prazer, mas não gostou.

Os pais de Serelepe aprontavam os filhos menores; mandavam primeiro tomar banho no rio, depois davam frutas e raízes que eles comiam depressa.

— Vamos, vamos! — gritavam os saguis. — Hoje é o dia do casamento da nossa prima Miriquina!

Quando ficaram prontos para seguir viagem, já eram quase dez horas. Eles conheciam as horas pelo sol. Sabiam direitinho como se tivessem um grande relógio na floresta. Estavam tão acostumados a seguir a trajetória do sol que eram capazes de dizer a hora exata como se tivessem relógio de pulso.

No momento de partir foi uma confusão; os saguis pequenos tinham desaparecido e os pais, aflitos, procuravam-nos por todos os cantos. Samba também os procurou e nada de se encontrar os saguis bebês.

O pai zangou com a mãe:

— Também você não prestou atenção. Onde é que eles podiam ter ido? Você devia saber...

A mãe zangou com os filhos mais velhos:

— Também por que vocês não tomaram conta deles? Eu pedi que olhassem os pequenos...

Os mais velhos afirmaram que haviam tomado conta, e num instante em que se distraíram conversando com as abelhas, eles desapareceram. Toca a procurar. Em cima das árvores, no meio do arvoredor, pendurado nos cipós, no chão, no ar, em toda parte.

Nada. Os pais já estavam ficando desesperados quando apareceu Serelepe dando beliscões nos irmãozinhos; vinham vindo lá das tocas das cutias. A mãe deu uns piparotes nas cabeças dos pequenos:

— O que foram fazer lá? Não tinham nada que fazer na casa das cutias.

Os saguis bebês choramingavam:

— Elas nos convidaram... Elas nos convidaram, mãe, para ver o presente da Miriquina.

— Que presente o quê! O presente é este, olhe...

E deu outros piparotes e beliscões nos saguizinhos que saíram

correndo aos guinchos. Uma das irmãs moças de Serelepe, uma Sagui muito faceira, ainda estava na margem do rio, se enfeitando. O pai zangou:

— O que aquela menina ainda está fazendo lá? Anda, menina, por tua causa vamos chegar atrasados!

— Já vou, já vou! — ela respondeu alisando o topete com água do rio.

— E os presentes? — perguntou a mãe. — Não vamos esquecer os presentes.

Serelepe e os irmãos mais velhos levavam os presentes: eram frutas e flores para os noivos.

Puseram-se em marcha. Atravessaram o rio e entraram pela floresta adentro. As capivaras e as cutias já haviam seguido.

Todos os bichos da floresta puseram-se a caminho para a casa dos macacos-de-cheiro, onde haveria a festa do casamento. Haveria baile também.

No trajeto, uns encontravam outros e se cumprimentavam. Uns iam voando, outros iam pulando de árvore em árvore, outros iam pisando o chão, atravessando moitas imensas, passando sobre os rios, pulando regatos, embrenhando-se entre cipós e ramos espinhentos, pensando na festa magnífica desse dia.

Samba marchava no meio deles, contente com tanta novidade, pois na cidade onde morava nunca tinha visto nada semelhante. Tudo para ele era uma festa nesses dias maravilhosos entre os bichos da floresta.



Tiveram que atravessar mais um riozinho, não era largo, mas fundo. O cachorrinho ficou atrapalhado. Como atravessar? Podia nadar, mas não estava acostumado a isso. As capivaras, e todos os outros animais, entraram na água e começaram a nadar com a maior facilidade.

A família Sagui atravessou o riozinho dando um pulo enorme entre uma árvore que havia na margem direita para uma palmeira da margem esquerda. Samba pensou: “E agora?”. Os saguis bebês iam nos braços dos pais e dos irmãos mais velhos. E ele, que faria? Ficaria ali sem poder ir à festa só por causa das águas de um rio?

Serelepe, que foi o primeiro a atravessar, voltou-se para o amigo e viu-o ainda na outra margem, olhando para a frente, sem coragem de nadar. Serelepe gritou:

— Vem, Samba. Que está esperando? O cachorrinho respondeu:

— A questão é que não estou acostumado a nadar e estou com medo, a correnteza é muito forte.

— Ih! Ih! Ih! — fez Serelepe. — O bichinho, que não teve medo das onças ferozes, está com medo deste riozinho? Capivara! Oh! Capivara chefe, volte um pouco aqui!

Uma das capivaras ouviu o chamado de Serelepe e voltou para saber o que havia; quando viu Samba na margem direita, sozinho, olhando o rio, perguntou:

— É para ir buscar o seu amigo?

— Faça esse favor, sim?

A Capivara entrou novamente no rio, atravessou-o num instante, subiu para a margem e disse ao cachorrinho:

— Agarre-se nas minhas costas com força, não tenha medo.

Samba subiu nas costas da Capivara, segurou-se como pôde e assim atravessou o rio, muito calmamente.

Final chegaram à casa da noiva: era uma palmeira tão alta que se perdia de vista no meio das outras árvores. Ali era o reino da macacada; uma grande algazarra já se ouvia a uma longa distância.

As aves e os pássaros pousavam sobre os galhos, conversando animadamente. Os micos, primos dos macacos, faziam as honras da casa e recebiam os convidados. Os bugios que também eram parentes próximos, muito pretos e barbados, conversavam com os que iam chegando.

A floresta em toda aquela redondeza estava em festa. Logo mais chegaram os músicos: sabiás flautistas, canários violinistas e os gafanhotos-esperança, estes estavam vestidos de verde e tocavam gaita que era uma maravilha. Os outros convidados enfileiravam-se à volta das árvores em animada palestra; eram várias famílias, contentes por se encontrarem ali na casa dos macacos: quatis, veados, cutias, capivaras, saguis, micos. Os porcos-do-mato chegaram um pouco atrasados, ainda discutiam a luta da véspera e a morte das duas inimigas.

De súbito, as conversas pararam e todos olharam a noiva que vinha saindo do meio da folhagem, de braço com o pai, um macaco-de-cheiro muito solene.

Um casal de bugios e um casal de micos-pretos foram os padrinhos; o noivo era o Macaco-da-Meia-Noite. Ele estava comovido, diziam que ele namorava Miriquina há muito tempo, mas o pai da menina não queria o casamento porque o noivo não era trabalhador. Em vez de trabalhar para se sustentar, vivia à custa dos parentes que tinham que procurar comida para ele.

Final ele resolveu ter juízo e, assim, o pai de Miriquina consentiu no casamento. Um bugio velho, com uma barba muito comprida, foi o juiz. Miriquina estava radiante e cumprimentava todos os conhecidos fazendo caretinhas amigáveis.

Logo após a cerimônia, a orquestra começou a tocar músicas de

dança; os esperanças eram peritos na gaita; os pica-paus, em cima de uma perobeira, batiam os bicos no tronco acompanhando a orquestra.

Miriquina e o noivo, os parentes e toda a macacada caíram na dança. Uma macaquinha muito faceira foi convidar Samba para dançar.

— Eu não sei — respondeu ele. — Nunca aprendi a dançar.

Ela não gostou muito, fez um arzinho de pouco caso e foi tirar um mico para parceiro. Nas moitas que circundavam o lugar da festa, os grilos cantavam para acompanhar as danças:

— Cri-cri-cri-cri-cri!

Quando essa contradança terminou, Serelepe, que havia dançado com uma priminha, pediu à orquestra que tocasse um samba em honra ao cachorrinho.

Os sabiás, os esperanças, os bem-te-vis, que chegaram um pouco atrasados, e os canários afinaram os instrumentos, depois tocaram Tico-tico no fubá.

Que alegria! Que sucesso! Uma porção de tico-ticos, que estavam num jequitibá assistindo à festa, caiu na dança. E todos gritavam para o cachorrinho:

— Dança, Samba! Dança também!

Várias miquinhas olhavam para ele esperando que ele as convidasse, mas ele não dançou. Como podia dançar, se não sabia? Ficou encabulado e disse que infelizmente não sabia.

Estava admirado. Não pensava que os bichos da floresta fossem assim tão alegres e divertidos.



Uma hora depois que as danças haviam começado, a Macaca, mãe da noiva, bateu palmas e gritou:

— Para a mesa! Amigos, para a mesa! Vamos comer qualquer coisa!

O cachorrinho, que não tinha visto mesa alguma, olhou espantado para todos os lados. Pensou: “Será que eles têm mesa?”. Viu então que todos se dirigiam para um recanto da mata onde os galhos eram mais trançados e formavam uma espécie de abóbada.

Parece que estavam com fome porque estalavam a língua pensando no banquete; outros eram mais moderados e iam lentamente para o lugar onde deviam estar os quitutes.

Foi quando Samba viu um amontoado de iguarias espalhadas no solo; estavam todas sobre folhas largas de bananeira do mato e formavam um retângulo como se fosse uma longa mesa.

O solo estava muito seco e varrido (os macacos sabiam varrer) e as folhas largas estavam cobertas de coisas para comer, as mais variadas possíveis.

Os noivos foram os primeiros a se instalar no lugar mais bonito, onde flores silvestres de todas as cores formavam coroas sobre suas cabeças.

Os presentes que eles haviam recebido estavam enfileirados de um lado da mesa e eram também muito variados: frutas, flores, ovos coloridos, folhas largas, pétalas de ipê, folhas de palmeiras. Mas o mais sensacional de todos os presentes eram duas espigas de milho colocadas numa espécie de almofada feita de folhas de bananeiras. O milho havia sido presente dos padrinhos, que haviam arriscado a vida indo longe da floresta buscar aquela maravilha na roça de uma fazenda vizinha.

Os pais de Miriquina faziam as honras da casa e fizeram questão de colocar Samba no lugar principal. Ele não queria aceitar, mas não foi possível recusar, pois insistiram tanto que ele teve de ficar à direita da noiva.

Os outros colocaram-se à vontade em volta dos montes de comida. Então o cachorrinho reparou nas iguarias, nunca tinha visto tão grande quantidade e tal variedade.

Havia frutas de várias espécies, a maioria ele não conhecia; havia cogumelos grandes e pequenos, amarelados e brancos como chapéus-de-sol, peixes diversos, brotos tenros, caules suculentos, ovos pintadinhos de vários tamanhos e, no meio de tudo isso, flores de todas as cores. Os donos da casa iam mostrando os quitutes e oferecendo aos convidados; as antas devoravam montes de frutas e capim; os bugios comiam brotos e folhas verdes; os quatis procuravam os ovos e perguntavam onde estavam os insetos que eles tanto apreciavam.

Samba viu então uma porção de besouros, aranhas, mosquitos, borboletinhas, mariposas, que os quatis mastigavam com prazer.

A orquestra, encarapitada no jequitibá ao lado, tocava músicas melodiosas, os violinos como que choravam. A dona da casa oferecia ao cachorrinho:

— O senhor quer um bagre? Foi pescado ontem... Samba, que não comia peixe cru, agradecia e não aceitava.

— Aceita então uma traíra? Um ximburé?

Ele nem sabia o que era ximburé, depois viu que também era peixe. Ela continuou a perguntar:

— Deseja então um besourinho? Ou uma mariposa gorda caçada hoje?

— Muito obrigado — disse o cachorrinho. — Não se incomode, vou comer uma fruta.

A Macaca apontou para um monte de goiabas vermelhas e disse:

— Sirva-se então, não faça cerimônia.



Samba comeu uma goiaba. Os veados-pardos mastigavam capim e diziam que nunca tinham comido capim tão tenro, tão macio. Queriam saber onde os donos da casa haviam encontrado esse delicioso manjar.

Os papagaios, as maitacas e os periquitos estavam reunidos no fim da mesa deliciando-se com sementes e frutas, falavam muito depressa e às vezes discutiam.

A dona da casa oferecia aos convidados um peixe especial, muito raro naqueles rios, chamado curumbatá. Os peixes estavam deitados sobre folhas largas. Ela perguntava:

— Quer agora um curumbatá? Ou quem sabe prefere uma aranha gorda?

Seu Martim-Pescador, que adorava peixe, comeu dois curumbatás e

um bagre; estava com o peito estufado. A mulher do seu Martim saboreava um pedaço de traíra e não se cansava de dizer que estava verdadeiramente um manjar do céu.

O Macaco-de-Cheiro, dono da casa, era incansável em agradar os convidados; com a ponta da cauda peluda ele segurou um ovo pintadinho de azul e o colocou na frente de Samba. Samba levou um susto quando viu aquele ovo bem perto dos seus olhos, na ponta do rabão. O Macaco dizia:

— Sirva-se, Sambinha. Sirva-se...

— Muito obrigado — disse o cachorrinho. — Mas já comi, obrigado.

— Faça questão que você coma este ovo que eu mesmo fui buscar num ninho da mata.

Samba estava outra vez sem saber o que fazer, pois só comia ovo estrelado na manteiga ou então omelete, quando um quati que estava ali perto falou apressado:

— Se Samba não aceita, eu aceito.

E dizendo isso tirou o ovo da ponta da cauda do Macaco e engoliu-o no mesmo instante. Samba gostou muito. Viu que os quatis estavam acabando com os ovos e com os insetos. Um dizia para o outro:

— Você já comeu minhocas? Estão deliciosas. Outro respondia:

— Nunca vi minhocas tão gordas. Onde será que foram encontradas? Precisamos saber.

Perguntaram à dona da casa que ia passando nesse momento:

— Onde a senhora encontrou estas minhocas? Nunca comemos nada tão bom...

A Macaca-de-Cheiro pôs a mãozinha peluda na boca como a pedir segredo:

— Ah! Isso é criação nossa. Na beira do rio temos criação de minhocas. Desde que Miriquina ficou noiva temos criado essas especiais para o banquete.

Os quatis responderam todos juntos:

— Logo vi! Logo vi!

E continuaram a mastigar minhocas moles e gordas.



A FESTA INTERROMPIDA



Às vezes, os convidados paravam de comer para beber água. Havia um regato que passava ali perto, eles então iam beber a água fresquinha do regato; depois voltavam para comer outra vez.

Miriquina e o noivo conversavam com os vizinhos de mesa; comeram folhas novas e goiabas, contavam que iam fazer uma linda viagem pela mata adentro até a divisa. Seria divertidíssimo, e pretendiam demorar quinze dias nessa excursão.

Um bugio, para fazer graça, perguntou:

— Vocês não têm medo da Onça?

Toda a bicharada deu urros de alegria com a graça do bugio, lembraram-se de que as onças já não existiam e eles podiam estar tranquilos.

A música havia cessado minutos antes para os músicos também se banquetearem: havia de um lado da mesa montinhos de sementes para os bem-te-vis e canários, os sabiás comeram frutas e os esperanças

provaram apenas uns capinzinhos.

O Pica-Pau, que havia comido os besouros pequenos e as aranhas gordas, conversava agora com o Papagaio. O Jabuti, que também estava lá, contava mentiras. Não parava de falar que a Onça tinha caído em cima dele e que ele deu um pulo para o lado dizendo: “Sai, Onça!”. Não teve medo algum nem tremeu. Esperou perfeitamente calmo até que os porcos-do-mato apareceram para matar a bicha.

Alguns fingiam que acreditavam, mas como Serelepe era muito levado, falou na sua vozinha cantada:

— Não foi bem isso que eu vi, seu Jabuti. Quando a Onça caiu, ouvi uma voz gritar num tom abafado: “Socorro! Quem me acode!”. Não seria você?

— Eu? — disse o Jabuti, mastigando uma folha bem verdinha. — Eu? Mas é engano seu, não pedi socorro coisa nenhuma! Então pensa que tenho medo de onça, Sagui? Decerto foi algum veado que pediu socorro.

Os veados protestaram e a brincadeira já ia virando discussão, quando um irmão da noiva veio chamar o pai, que estava oferecendo uma fruta para dona Preguiça.

— Que há? Que aconteceu?

Então o macaquinho contou que os tatus estavam ali na porta da casa e tinham dito que iam acabar com a festa porque não tinham sido convidados.

O Macaco-de-Cheiro, dono da casa, ficou zangado:

— Os tatus? Onde estão eles? Ora essa, a casa é minha e eu convido quem eu quero. Tem graça!

A dona da casa ficou assustada e correu para perto do marido; alguns convidados pararam de comer e perguntaram se queriam auxílio, pois estavam prontos para tudo.

Os noivos perguntaram:

— Que foi? Que foi?

O dono da casa perguntou ao Papagaio chefe que estava do outro lado da mesa:

— Então, seu chefe? Você que avisa tudo o que vai acontecer, como é que não percebeu que os tatus estavam querendo nos atacar?

— Hein? — perguntou o Papagaio. — Que aconteceu? Onde está a Onça?

Perceberam que não podiam contar dessa vez com os papagaios, haviam tomado tanto caldo de frutas que estavam tontos. Nem ficavam mais de pé.

Os porcos-do-mato ofereceram auxílio ao dono da casa, rangeram os dentes de raiva dos tatus. Os da orquestra começaram a procurar uma árvore onde pudessem se esconder, caso houvesse briga.

O macaquinho que trouxe a notícia contou que os tatus estavam

escondidos atrás da perobeira, resmungando, falando alto, dizendo que eles também tinham direito de ser convidados, por isso iam acabar com a festa.

— O quê? Acabar com a festa? Quem se atreve?

E dizendo isso, o dono da casa pulou para o meio da mesa e derrubou uma porção de frutas. Os bugios barbados e os saguis, que eram primos dos donos da casa, começaram a fazer caretas e a ameaçar os tatus. Um bugio velho gritou:

— Onde estão eles? Onde estão? Quero brigar...

E bateu no peito três vezes. Miriquina pôs a mão no coração:

— Será que vai haver barulho? Será? O noivo falou bem alto:

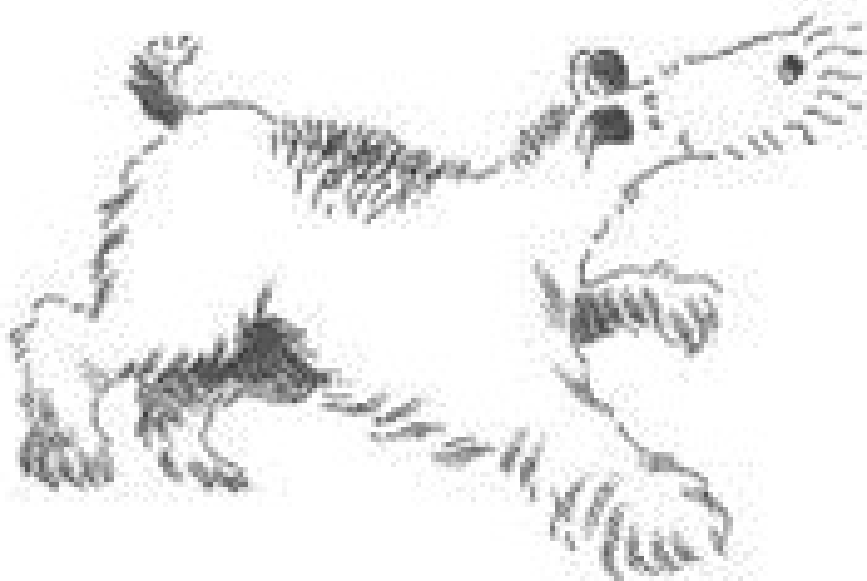
— Se houver barulho, que bom! Gosto de brigar!

— Por favor, não vá — disse Miriquina segurando-lhe o braço.

A confusão era grande. Todos falavam ao mesmo tempo e ameaçavam os inimigos. O dono da casa em cima da mesa pediu silêncio para falar:

— Meus amigos, nossa festa foi interrompida pelos bandidos dos tatus. Também uns bichos que vivem cheirando terra não podem ser boa coisa. Vamos dar uma sova neles?

— Vamos! — gritaram todos ao mesmo tempo.



28

A BRIGA



As aves foram as primeiras a desaparecer da mesa do banquete, voaram para cima das árvores e ficaram enfileiradas nos galhos, prontas para a torcida.

Os papagaios e as maitacas, tontos de tanto comer e beber, gritaram com voz esganiçada:

— Desaforo! Onde está a Onça? Quero dar uma sova nela.

Os periquitos respondiam:

— Não é onça, é tatu!

— É a mesma coisa — diziam os papagaios. — É a mesma coisa. Onde estão? Vieram interromper uma festa tão bonita! Quero dar neles.

Outros bichos gritavam:

— Sova neles! Sova neles!

Samba ouvia a discussão dos noivos que estavam ainda ao seu lado, o noivo dizia que queria dar uma sova nos tatus, mas uma sova daquelas... A noiva segurava-lhe o braço:

— Hoje não, meu bem, é o dia do nosso casamento.

Não quero que você vá brigar.

— Mas vão atacar a casa de seu pai... Eu hei de ficar quieto?

O Jabuti passou quietinho entre todos e foi se esconder debaixo das folhas do chão. Um macaco viu e perguntou:

— Onde vai com tanta pressa, seu Jabuti?

— Vou cercar os tatus do outro lado...

E assim dizendo, ele passou o mais depressa que pôde e foi se esconder. O macaco piscou para o cachorrinho e disse:

— Eh! Sujeito garganta!

Enquanto isso se passava, o dono da casa estava organizando a frente de batalha: colocou primeiro uma fileira de saguis, outra de macacos, outra de bugios, depois os outros todos. Os veados e quatis foram colocados em círculo para não deixarem os tatus fugirem.

Resolveram mandar primeiramente uma comissão falar com os inimigos: foram encarregados disso a Cutia e Serelepe. Dona Preguiça se ofereceu para fazer parte, mas não aceitaram.

Serelepe foi na frente e a Cutia foi atrás. Foram até perto da perobeira e espiaram: lá estavam vinte tatus em atitude agressiva.

— Que há? — perguntou Serelepe com muita calma, coçando o rabo. — Que desejam aqui na casa do meu ilustre amigo Macaco-de-Cheiro? Por acaso vêm fazer uma visita?

O Tatu-chefe deu um passo à frente e respondeu:

— Ilustre nada. Ilustre por quê? Se ele não nos convidou? Por acaso não moramos todos na mesma floresta? Não viemos fazer visita coisa nenhuma...

Serelepe ficou queimado e bateu com a cauda no chão, de raiva. A Cutia saltou na frente dele e foi dizendo:

— Por que ofender o Macaco? A casa é dele e ele convida quem quer. Vocês estão querendo briga, não é?

— Não queremos briga nada — respondeu um tatu com voz grossa. — Queremos é tomar parte na festa.

— É isso! É isso! — disseram os outros tatus bufando.

— Queremos nos banquetear também.

— Ih! Ih! Ih! — fez Serelepe dando saltinhos nervosos. Os tatus foram avançando devagar e deram um empurrão na Cutia; um deles disse:

— Vamos entrar... Agora é hora!

Serelepe, que já havia combinado com o dono da casa, deu um assobio fininho para avisar o fracasso da comissão. Foi o tempo certo. A fileira de saguis avançou firme ao encontro dos tatus.

Essa primeira fileira foi derrotada. Os tatus davam cada tranco que os jogavam longe; os saguis mais novos, que não estavam acostumados a lutar, puseram a boca no mundo e davam guinchos e subiam nas

árvores para se esconder.

Por mais que Serelepe gritasse para que eles não tivessem medo e escorassem os inimigos, foi inútil. Fugiram todos e os tatus avançaram.

Vieram então os macacos-da-meia-noite e os macacos-de-cheiro numa fileira cerrada, os tatus não tiveram medo, abaixaram as cabeças e foram dando marradas como se fossem bois.

A macacada começou a guinchar de medo; o dono da casa, trepado num galho baixo, encorajava os parentes:

— Avancem. Não tenham medo. Peguem aquele tatu velho que vem na frente. Peguem!

Mas qual! Os da meia-noite foram os primeiros a fugir, subiam nas árvores, escondiam-se nas moitas de arbusto. Um primo do dono da casa foi fugindo e passou perto dele, mas foi laçado pelo rabão preto.

— Não fuja, primo. Aguenta firme. Que é isso?

O primo olhou para cima, furioso por estar preso pelo rabo, e gritou careteando, imitando a voz do dono da casa:

— “Aguenta firme?” E por que você não vem lutar?

Só fica aí dando ordens. Por que não vem?

E dizendo isso, deu um puxão e fugiu por um galho acima. A dona da casa, que estava escondida na árvore mais alta da redondeza, tapou a cara com as duas mãos e gritou:

— Que vergonha. Os nossos estão apanhando da tatuzada. É o cúmulo!

Enquanto isso os tatus continuavam a lutar avançando em direção à mesa do banquete. Samba, que estava de lado assistindo à briga, chamou Serelepe e aconselhou que todos deviam avançar juntos, fileira por fileira de combatentes, senão seriam derrotados.

Serelepe estava quase chorando de raiva, beliscava os saguis e dizia que eles precisavam lutar, precisavam dar uma sova naqueles bandidos.

Então vieram os bugios, os quatis, os porcos-do-mato, todos ao mesmo tempo, pois seguiram o conselho do cachorrinho.

Foi uma luta formidável. Pelos e penas voavam para todos os lados. O dono da casa torcia lá de cima da árvore e gritava para os combatentes:

— Aí, turma boa. Bate, esfola, tira pedaço da tatuzada. Eu convido quem eu quero para vir na minha festa. Ora essa!

A mãe da noiva dava pulinhos sobre o galho e dizia:

— Olhe esse tatu-canastra que vem vindo para o lado de cá! Não deixem o bandido chegar na mesa do banquete. Não deixem, não deixem. Pega, Bugio!

O Bugio pegou o tatu-canastra e atirou-o fora do campo da luta. Os saguis e os macacos criaram coragem quando viram que os tatus

estavam apanhando e voltaram à luta.

Os quatis, que estavam vigiando em círculo para impedir que entrassem mais inimigos em cena, deixaram de vigiar e pularam para o meio, gritando:

— Não tem um tatu para mim? Não sobrou nenhum? Os veados ficaram sozinhos à volta do campo de combate. Os porcos-do-mato pegavam os tatus com as cabeças e os jogavam para cima como se fossem bolas. Os tatus começaram a perder longe.

Os papagaios davam pulos nos ramos das árvores onde estavam trepados e gritavam numa torcida louca:

— Puxa o rabo daquele tatu, Bugio. Puxa com força! O cachorrinho Samba estava espantado. Nunca havia visto cena igual. As maitacas e os periquitos pulavam tanto que derrubavam penas que ficavam flutuando no ar. Era uma confusão medonha. Miriquina, que não havia deixado o noivo brigar, estava segurando-o pela cauda enrolada no pescoço dele. Só se ouvia:

— Eu vou!

— Não vai!

— Deixa eu ir!

— Não deixo!

De repente o noivo conseguiu se desvencilhar e num pulo só caiu no meio do combate. Foi um escarcéu. No mesmo instante um tatu enorme que não havia perdido uma vez sequer avançou para o noivo a fim de bater nele. Só se ouviu o grito de Miriquina:

— Ai que eu morro! Ai que eu morro!

A Macaca mãe correu para o galho onde ela estava, muito aflita:

— Que foi, filha? Que foi?

Miriquina não teve tempo de responder, pois caiu desmaiada, rolou lá do galho e foi parar entre os combatentes. Aumentou a confusão. Todos queriam acudir Miriquina, de modo que caíam, levantavam, bufavam; um macaco ia dar num tatu, dava no outro macaco, os micos gritavam tanto que só atrapalhavam; os porcos-do-mato davam trancos nos micos e eles saíam guinchando. Afinal dois macacos, irmãos de Miriquina, conseguiram carregá-la para fora do campo; o noivo nem pôde acudir porque estava apanhando de um tatu-canastra. Samba não pôde se conter e gritou com toda a força:

— Por que não acabam de uma vez com essa tatuzada? Tanto bicho valente para tão pouco tatu! Onde se viu isso? Um companheiro dando no outro em vez de dar no inimigo?

E dizendo isso ele aproveitou a confusão, entrou também no barulho e pegou entre os dentes o rabo de um tatu. As maitacas e os periquitos pularam de contentes. Daí em diante os tatus só perdiam, então trataram de fugir. Os veados procuravam cercá-los de todos os lados, mas mesmo assim eles fugiam e sumiam entre o arvoredo.

Os bichos exultaram. Agora sim, estavam ganhando. O cachorrinho mordida os rabos de todos os tatus que passavam por perto, eles gritavam e fugiam.

Quando o último tatu sumiu do campo da luta, a alegria foi geral. As aves desceram das árvores, os veados reuniram-se de novo em volta dos vencedores.

Todos queriam saber se Miriquina tinha voltado a si, o noivo estava muito aflito. Ela já estava melhor e, com a mãozinha preta sobre o coração, chamava pelo noivo. Ele apareceu manquitolando e foi consolá-la.



Alguns curavam as machucaduras com lambidas e outros foram para a beira do rio, banhar as partes doloridas; foi quando dona Preguiça chegou toda afobada:

— Que foi? Querem meu auxílio? Me atrasei um pouco, mas afinal cheguei. Estou aqui para ajudar no que for preciso.

Agradeceram muito a boa vontade de dona Preguiça dizendo que agora tudo estava terminado. Serelepe, por ironia, perguntou se ela havia dormido e, por isso, não tinha ouvido o barulho; ela respondeu que estava na beira do rio bebendo água e não ouvira nada.

No mesmo instante seu Jabuti foi aparecendo também e perguntaram-lhe com quantos tatus ele havia lutado. Seu Jabuti respondeu:

— Se não tivesse me dado uma dor de lado na hora em que eles chegaram, vocês iam ver. A dor de lado me atrapalhou muito.

Fingiram que acreditaram para não deixar seu Jabuti mais atrapalhado, mas todos sabiam que era mentira. Alguns disseram:

— Que pena, a dor de lado justamente nessa hora. O senhor podia ter nos ajudado muito...

Dois veados, que ficaram vigiando para ver se os tatus não voltavam, vieram dizendo que não havia mais sombra de tatu a léguas

de distância.

O pai de Miriquina disse que agora que os inimigos estavam longe deviam continuar a festejar o casamento.





Os músicos afinaram os instrumentos e começaram a tocar uma valsa. Os violinos pareciam chorar ternamente. Miriquina, que estava outra vez muito alegre ao lado do noivo, propôs que as danças continuassem como se nada tivesse acontecido. De vez em quando ela lembrava e dizia ao noivo:

- Você não devia brigar com a tatuzada.
- Como não? Se eu não lutasse, faria papel de covarde.
- Que covarde o quê! Ninguém ia reparar...
- É melhor não falarmos mais nisso, Miriquina. Não vale a pena brigar no dia do casamento.

E saíram dançando. O Bugio, que foi padrinho da noiva, estava mancando por causa da briga, assim mesmo convidou dona Preguiça para dançar.

Parece que nem saíam do lugar de tão devagar que dançavam. Algumas macaquinhas estavam conversando e não tiravam os olhos do cachorrinho Samba. Uma macaca velha comentou:

- Nem parece que ele é um mocinho da cidade.

Não sabe dançar.

Falou bem alto para Samba ouvir, ele respondeu:

— Nunca vi uma festa assim na cidade, lá não há danças para bichos... Só para gente.

— Ué, nós que moramos na roça sabemos dançar e nos divertir — ela respondeu. — Como é o mundo!

— Pois é isso — respondeu Samba. — Nunca dancei na cidade.

— Não quer experimentar? — perguntou uma macaquinha muito faceira, revirando os olhos para o cachorrinho.

— Muito obrigado, mas não quero — disse Samba.

— Não tenho jeito para dançar.

Dizendo isso, foi se afastando para o outro lado e puxou prosa com Serelepe.

— O baile está animado, hein, Serelepe?

— Muito. O baile de casamento da minha prima Mica-Preta, no ano passado, não foi tão animado como este.

Um dos parentes do dono da casa aproximou-se dele e mostrou Bugio e dona Preguiça: estavam no mesmo lugar virando roda, pois dona Preguiça não tinha coragem de dar um passo para o lado.

— Isso é dança?

Serelepe perguntou e piscou os olhos para o cachorrinho, depois continuou:

— Vamos pedir para a orquestra tocar um samba bem movimentado? Que dizem?

Foram para perto da orquestra. A valsa estava terminando; Serelepe falou no ouvido do Sabiá chefe:

— Toquem um samba bem alegre, sim? Queremos ver dona Preguiça pular...

O Sabiá perguntou:

— Tico-tico no fubá?

— Esse mesmo — disse Samba. — Está muito bom. A orquestra começou a tocar no mesmo instante. Serelepe correu e tirou uma miquinha para dançar; Samba ficou olhando. O baile parece que ficou ainda mais alegre e até os porcos-do-mato, grandes e pesadões, dançaram também uns com os outros.

A passarinhada, que estava empoleirada nos galhos do jequitibá, começou a se bambolear, contentíssima, principalmente os tico-ticos.

Samba olhou dona Preguiça: estava quase no mesmo lugar, nos braços do Bugio manco. Sacudiam o corpo de um lado para outro, sem sair do lugar.

— Isso é dança? — gritou Serelepe passando. — Nem aqui nem na China!

Serelepe e Miquinha se dobravam, as longas caudas batendo na cara dos outros, enroscando-se nos galhos próximos e na cauda dos outros

que também dançavam.

Era um movimento de caudas no ar como Samba nunca havia imaginado: no ar, no chão, no pescoço dos que estavam perto, caudas trançando e destrançando, subindo e descendo, varrendo tudo o que encontravam. O cachorrinho assustava-se quando se distraía um pouco e de repente um rabo peludo fazia-lhe cócegas no pescoço... No fim, Samba não viu mais nada: nem bichos, nem árvores, nem nada. Só caudas de todos os tamanhos e feitios fazendo desenhos no ar. Os músicos empoleirados desapareceram também, mas tocavam com gosto: as gaitas se multiplicavam, as flautas davam agudos que repercutiam na floresta. A animação estava no auge.

Estavam se divertindo muito. Esse número foi bisado; o baile continuou até o cair da noite. Afinal os noivos se despediram de todos, iam viajar. A mãe de Miriquina chorava, o pai estava nervoso. Aquela porção de bichos rodeou os noivos e desejou muitas venturas, como em casamento de gente, era tudo igual. Samba nunca pensou que os bichos da floresta fizessem tudo, casamento e festa, tão parecidos com os da cidade.

Era engraçado! As despedidas foram prolongadas, repetidas, abraços e apertos de mão. Todos os macacos abraçavam o noivo dando-lhe pancadinhas nas costas; as miquinhas encostavam a cara na de Miriquina como se a beijassem.

Os noivos partiram entre exclamações e gritos; quando os convidados começaram também a se despedir, Samba disse ao amigo Serelepe:

— Eu também vou me despedir, vou voltar para a cidade...



O amigo arregalou os olhos, espantado:

— Hein? O quê? Você vai embora?

— Vou — disse o cachorrinho. — Vou voltar para minha casa.

— Não diga isso, pensei que ficasse morando conosco.

— Não posso — disse o cachorrinho. — Estou com saudades dos meus donos...

O amigo ficou com os olhos cheios de lágrimas. Num instante a notícia se espalhou entre os bichos da floresta:

— Samba vai nos deixar! O cachorrinho Samba vai embora!

Ficaram consternados. Chegaram a organizar uma comissão composta de dois quatis, dois veados-pardos, dois porcos-do-mato e dois saguis que foram pedir ao cachorrinho para que não fosse embora.

Quando estavam assim conversando e os membros da comissão

falando com Samba, chegou seu Jabuti afogueado pela corrida:

— Ouvi dizer que você quer nos deixar? Não faça isso, Samba... Você é nosso herói. Salvou a floresta de duas onças ferozes. É verdade que eu ajudei, mas se não fosse você...

Nenhum deu importância às palavras do Jabuti, estavam acostumados com suas prosas.

Samba então explicou que precisava voltar para a cidade. Tinha gostado muito da floresta e de seus habitantes; talvez nunca em sua vida tivesse tido dias tão cheios de aventuras, dias tão emocionantes como esses que acabava de viver... Mas era preciso voltar. Lá na chácara, onde morava, seus donos deviam estar aflitos, sem notícias dele.

Dois dias fora de casa é muito tempo para um cachorrinho de estimação.

Mas ele voltaria um dia. Prometeu que havia de voltar e visitar novamente os amigos da mata.

Começou a despedir-se, dizendo uma palavrinha amável a cada um. Serelepe começou a chorar:

— Vai mesmo embora? Gostei tanto de você, amigo Samba!

— Eu também gostei de você, Serelepe. Mas estão me esperando na chácara e preciso partir. Voltarei um dia...

— Ao menos leve uma lembrança nossa — disse a Macaca da casa.

— Tive uma ideia — disse o dono da casa. — Nosso amigo vai levar alguma coisa da mesa do banquete para comer no caminho...

Cada um foi procurar presentes para oferecer ao cachorrinho, foi até engraçado. A Macaca trouxe ovos pintadinhos de azul para Samba levar de lembrança; o Macaco trouxe uma folha larga com peixes, besouros e frutas, tudo misturado.

Um outro trouxe um galho de árvore dizendo que, como essa árvore só dava no seio da floresta, era a melhor lembrança para o amigo levar. Outro saiu correndo e voltou depressa trazendo um punhado de pelos de onça morta.

— Leve como lembrança...

— Muito obrigado, muito obrigado — ia dizendo o cachorrinho. — Infelizmente não posso levar tudo porque não tenho cauda para segurar, nem mãos hábeis como as dos amigos. Obrigado, mas não tenho meios para levar os presentes, as lembranças... Levo a lembrança de vocês no meu coração, isso sim...

— Que pena — disse a Macaca.

— Então leve esta flor — falou Serelepe apresentando-se diante de Samba com uma flor desconhecida na mãozinha peluda.

O cachorrinho segurou a flor entre os dentes, despediu-se dos amigos e partiu depressa pela floresta afora, antes que o vissem chorar.

Serelepe e alguns primos acompanharam Samba até a divisa da mata; como sempre, pulavam de um galho para outro, enquanto o cachorrinho trotava no chão. Gritaram muitas vezes:

— Adeus! Adeus, Samba! Volte, amigo!

Samba ficou comovido. Nunca pensou que fizesse tão boas amizades no meio daquela floresta escura e desconhecida.

Com a flor entre os dentes, deixou a mata, entrou no campo e caminhou no seu passinho ligeiro em direção à chácara. Acertaria o caminho? E se nunca mais encontrasse a chácara e seus donos?

Não queria nem pensar nisso. Era muito triste...

A noite vinha caindo e ele ia trotando, trotando sem parar. Viu as luzes se acenderem de repente; a cidade que via de longe ficou iluminada.





Chegou finalmente à estrada asfaltada que o levaria à cidade e à chácara. Sentiu grande alívio. Agora encontraria o caminho da chácara, tinha certeza.

Foi andando, andando... Viu algumas pessoas apressadas atravessando a estrada; desviou-se de um ou outro automóvel que passava, os grandes faróis iluminando o asfalto.

Foi deixando para trás algumas casas. Ouviu latidos de cachorros num quintal, galinhas cacarejando noutro. Esses ruídos eram-lhe familiares, estava perto de casa, não se enganava.

Veio a noite. Continuou a trotar, o coração batendo forte. Mais um pouquinho e estaria em casa. Parou um instante e olhou para trás: lá longe, no alto da grande serra, viu uma massa escura e silenciosa. Era a floresta que ia ficando cada vez mais longe.

Aquele era um mundo diferente do seu, um mundo cheio de animais estranhos, alguns muito amigos, outros inimigos. Tanta coisa havia se

passado em tão poucos dias, parecia um sonho. Seria um sonho? Não. E aquela flor que levava entre os dentes? Lembrança do amigo Serelepe?

Pensando assim, recomeçou o trote, cada vez mais apressado. Seu coração dizia que a chácara estava perto. Subiu uma ladeira, tinha certeza de que a chácara ficava no fim da ladeira.

Viu finalmente o portão, o largo portão verde da chácara. Era ali. Parou, respirou um pouco porque estava muito cansado, depois ficou de pé como fazia sempre e arranhou o portão para que o abrissem.

Ouviu os latidos alegres dos outros cachorros que já o tinham pressentido. Ouviu vozes, depois conheceu a voz do dono:

— Será Samba que está arranhando o portão?

Seu coraçãozinho bateu mais depressa; vozes amigas falavam seu nome, estava em casa afinal.

Mãos apressadas abriram o portão largo da chácara. Ele entrou dando ganidos abafados de alegria; passou entre os cachorros com o toco de rabo em pé, sem dar muita importância, como sempre. Entre os dentes, levava a flor dada por Serelepe.

Foi recebido de braços abertos pelos donos. Perguntaram-lhe:

— Samba, onde você andou? Diga, fujão, onde esteve? Não pôde responder, mas mostrou tanta alegria que todos compreenderam que ele estava alegre. Os outros cachorros foram ver o que ele tinha na boca, aproximaram-se, ele rosnou para que não o incomodassem e deixou cair a flor aos pés da dona.

Admiraram a flor desconhecida e queriam saber de onde ele a tinha trazido. Levantaram-na do chão, cheiraram-na, examinaram-na. A flor passou de mão em mão. Perguntaram muitas vezes:

— Onde esteve, Sambinha? Onde arranjou esta flor tão bonita?

Ele latiu explicando que foi dar um passeio na floresta, aquela floresta que se via do portão da chácara e não era tão longe assim... Contou que fez amizade com muitos animais, assistiu a caçadas de onças e festas animadas. Comeu frutas, conheceu animais de todos os feitios, dormiu entre saguis, viu tanta coisa... que levaria um dia inteiro contando e não terminaria.

Contou que recebeu a flor de Serelepe. Serelepe era um sagui amigo, o melhor dos amigos. Chorou quando Samba se despediu e deu-lhe a flor como lembrança.

Tudo isso ele falou entre latidos, mas ninguém entendeu. O dono levantou-o do chão e abraçou-o dizendo:

— Pare de latir... Que barulhento!

A dona disse examinando a flor:

— Mas onde será que ele arranjou esta flor? Será do campo? É bem bonita!

— Da floresta! Da floresta! — ele respondeu. Mas ninguém

compreendeu.

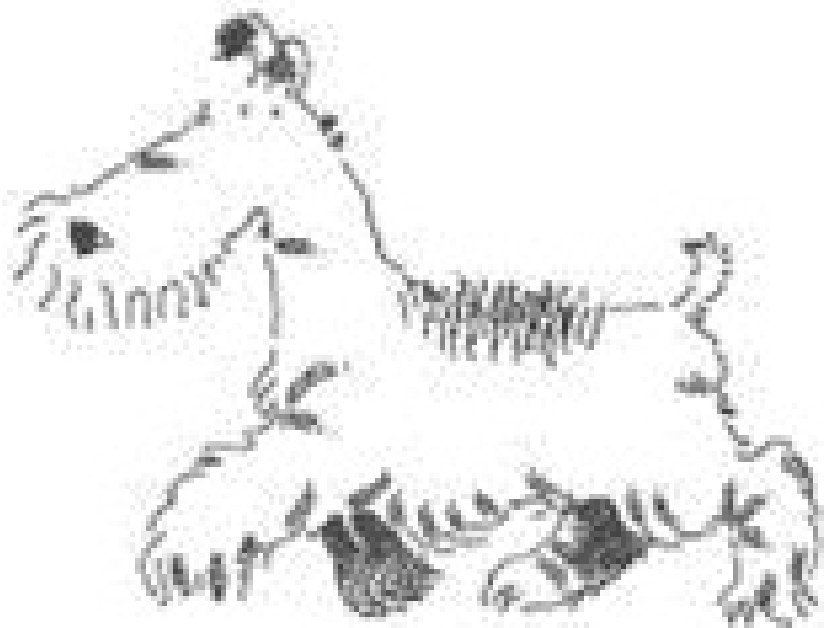




Table of Contents

1. O CACHORRINHO SAMBA NA FLORESTA
2. O BARULHO
3. UM COMPANHEIRO
4. TORNAM-SE AMIGOS
5. UM HABITANTE DA FLORESTA
6. OUTROS HABITANTES DA FLORESTA
7. MARTIM-PESCADOR
8. NOVOS ENCONTROS
9. SERÃO GATOS?
10. SEU JABUTI
11. AS HISTÓRIAS DO JABUTI
12. PERIGO NA FLORESTA
13. O VEADO PEDE CONSELHOS
14. OS QUATIS TAMBÉM PEDEM CONSELHOS
15. SAMBA TEM UMA IDEIA
16. O PLANO DE SAMBA É ACEITO
17. O PERIGO AUMENTA
18. ASTÚCIA
19. A LUTA
20. OUTRA ONÇA
21. VÉSPERA DE FESTA
22. A NOITE NA FLORESTA
23. PREPARATIVOS
24. O CASAMENTO
25. O BANQUETE
26. A FESTA CONTINUA
27. A FESTA INTERROMPIDA
28. A BRIGA
29. O FIM DA FESTA
30. ADEUS
31. DE BRAÇOS ABERTOS